



**Herbert Farias**  
**o sismo particular**



## Governo do Estado do Espírito Santo

Governador

José Renato Casagrande

Vice-Governador

Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura

Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura

Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural

Rita Sarmiento

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas

Nádia Alcure Campos da Costa

## Instituto Sincades

Presidente

Idalberto Moro

Gerente Executivo

Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos

Ivete Paganini

Coordenadora de Projetos

Lívia Caetano Brunoro

Jornalista

Roberta Fachetti Silvestre

Assistentes de Projetos

Bruna Casoli

Patrícia Soares Lucio

# O Sismo Particular

Contos

Herbert Farias

Secult  
Vitória, ES  
2014

© Secretaria de Estado da Cultura, 2014  
Governo do Estado do Espírito Santo

Coordenação Gráfica e Editorial  
Márcia Selvátice Tourinho

Revisão  
Ariani Caetano

Capa  
Tom Boechat e Janayna Araújo  
Detalhe de “Metal e Leveza” de Elton Pinheiro

Projeto gráfico e diagramação  
Link Editoração

Impressão  
GSA Gráfica e Editora

Tiragem  
1.000 exemplares

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Pública do Espírito Santo

---

F224s      Farias, Herbert  
            O sismo particular: contos / Herbert Farias; coordenação  
            editorial de Márcia Selvátice Tourinho; revisão de Ariani  
            Caetano. – Vitória, ES : SECULT, 2014.  
            144 p. ; 15 x 21 cm.

1. Literatura Brasileira - Contos. II. Título.

CDD:B869.301

---

# Novos horizontes e descobertas

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

São dezenas de livros lançados pela Secretaria de Estado da Cultura desde o início do Governo Renato Casagrande, demonstrando a força e pujança de nossos escritores, sendo motivo de satisfação a publicação dos livros agraciados pelos Editais da Secult 2011 a 2013.

Narrativas curtas e longas, poesias, crônicas, contos, histórias em quadri-nhos, obras para o público infante-juvenil que integram esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Por tudo isso, podemos afirmar que levar essas obras aos leitores da Grande Vitória e do interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano através da promoção da arte e da cultura.

Todas as obras editadas pela Secult, seja através de Editais ou de parcerias como as realizadas com o Instituto Sincades e outras instituições, são distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. O lançamento destes livros, por exemplo, reafirma a política cultural de apoio permanente ao livro e ao estímulo à leitura do Governo Renato Casagrande. Assim como outras ações, como a Biblioteca Móvel — que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória dentro das ações do Estado Presente —, e a Biblioteca Transcol — que hoje conta com acervo de mais de 12 mil obras para empréstimo aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados pelos nossos escritores sejam sempre plenos de novas descobertas.

**Maurício José da Silva**  
*Secretário de Estado da Cultura*



# A cada livro lido, um novo capítulo na história de vida de cada leitor

*“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história”.* Atribuída a Bill Gates, essa frase resume a contribuição, cada vez maior, do Instituto Sincades à publicação de livros, especialmente de autores capixabas.

O Instituto de Ação Social e Cultura Sincades – Instituto Sincades tem como principal foco de ação apoiar e fomentar a cultura capixaba em todas as suas manifestações

A parceria com o Governo do Estado do Espírito Santo, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e da Biblioteca Estadual, tem sido profícua. O acesso gratuito às obras de autores capixabas e a distribuição de exemplares para as bibliotecas mais importantes do país e para as bibliotecas municipais capixabas democratizam e incentivam o saudável hábito da leitura. Ampliam o conhecimento de nossa produção literária, valorizam nossos autores e aproximam o autor do leitor.

Este livro, portanto, não é só mais um livro. É mais uma contribuição para que cada um de nós, leitores, possamos refletir e escrever a própria história que, após cada livro, vai se tornando cada vez mais rica.

Boa leitura.

**Idalberto Moro**

*Presidente do Instituto Sincades*





# Prefácio

Pouco depois do meio-dia, no horário de almoço, estávamos no restaurante. Foi lá que Herbert Farias me entregou o calhamaço de papéis contorcidos dentro de um envelope pardo, improvável brochura que, anos mais tarde, se tornaria seu primeiro livro. Em meio à disparidade do local de qualquer *élan* artístico, ele pronunciara pequena profecia que se estenderia, na década seguinte, na sutileza de seu trabalho: “O contemporâneo tem a ver com isso”.

O aviso explicar-se-ia na destinação subjetiva e abstrata em que sua obra, profusa de alegorias, faria nascer o universo do local onde estávamos, com a precisão de quem mergulha no abismo, tal a imersão em seu presente: conquanto fosse sobre a ausência que se iniciasse no percurso literário, era com uma presença inelutável que surgia como escritor desde a primeira linha.

*O sismo particular* é seu terceiro livro, e sucede a *Itinerário de uma ausência* (2009) e *Mecanismos precários* (2010). Neles, o uso da palavra, dos dispositivos da língua e a violência lúcida de um narrador que domina o que diz estabelecem um autor que intui e analisa a convulsão secreta dos personagens dentro de um mundo por ele mesmo anunciado. O conhecimento bíblico e o tom proverbial, a voz a raptar no texto o leitor para dentro da cena, a presença da infância e da paternidade, a cosmovisão nos nomes inventados esbofeteando o ridículo da vida ou a comicidade que a inteligência perscruta, a invenção de cidades, mundos... são traços de uma composição que permanece após a leitura, ecos evanescidos de um vocabulário que não acredita em sinônimos, antes deles descrê. Sua

narrativa cumpre círculos exaustos e decididos de uma migração solitária por esses livros, que se falam contra a falta, e nela se inscrevem pela literatura. Trata-se da elaboração de uma obra.

*O sismo...* desenvolve ainda mais tal universo. O livro evolui em ondas diversas, as menores como apreciação de um andamento concentrado, ora sismado por eventos nas maiores. Isso cria um pulso imprevisto. Esse *sismo*, essencialmente particular, é desvelado para o leitor, mas não completamente, e ao deixar um resto de véu, conflui com a obra de Farias. Ela segue ascendente ao trazer os exílios de um amadurecimento, e a constatação seca de uma chegada ao real, como em “Memórias da inclusão”, em que o narrador se impõe e diz: “pão e circo, sim, mas se o primeiro é escasso, pouco se paga pelo segundo”. Também ao descrever o abismo em “Teroxyca”, onde uma queda (também estranha flutuação) ocorre com os que nele se jogam. O livro faz-nos saber “a vida insossa do lugar”, e pela improbabilidade de sua existência deixa claro que, de algum modo, o conhecemos. A contínua criação de mundos alegóricos transforma, pela dor velada, a realidade em sintoma, onde se reconhece em outra ambiência a fuga impossível dessa exógena densidade.

Essa espécie de delírio parece habitar cada vez mais uma inscrição feita na vida, a própria realização do possível, o que em “Epílogo incansável” acontece pela potência e limitação do personagem: “Num dia em que me devoras é que te decifro”. A narrativa exalta, ou por vezes exorta, ao apontar pela escrita a possibilidade de um percurso a ser trilhado, uma espécie de chegada à compreensão madura de uma trajetória, como em “A migração”. Nele, um dos personagens avisa: “Ainda sou flutuante”. E o outro, como não aceitando a espécie de flutuação que talvez também ocorra na queda para “Teroxyca”, pontua: “Você é a coragem”.

O trabalho literário de Herbert Farias tem feito a migração segredada, lenta e vasta; seu texto egresso de uma realidade abissal é a invenção do abismo em alegorias geniais, numa desconcertante forma de reinventar o mundo. Suas palavras, ao nascerem clássicas, explicam a ambiência em que por vezes estamos, onde o que é contemporâneo já está escrito por nós mesmos, e nos aguarda também chegar ao real.

**Elton Pinheiro**

# Sumário

---

Dirigido por mim .....	15
Memorial do triunfo .....	17
Damião .....	21
A fila do banco .....	25
Narciso longevo .....	29
Campanha da prosperidade .....	31
Início de primavera .....	33
O arco .....	37
Estigma .....	39
O sismo particular .....	43
Recenseamento .....	45
Depois do crime .....	49
Praça de alimentação .....	51
O patamar .....	55
Devoção .....	57
Pão e circo .....	59
Substantivo noturno .....	61
Promessa dourada .....	65
Negociação .....	69
Alívio .....	71

---

Vestido estampado .....	73
Lupécio e Nídio .....	77
Aurora .....	81
A nuvem .....	83
O preço da passagem .....	93
Desafio .....	97
Folheio .....	99
I.....	99
II.....	99
III.....	100
IV.....	100
No cativeiro .....	103
As patas do animal eterno .....	107
Teroxyca .....	111
Epílogo incansável .....	117
O domador de leões .....	121
Moinho das vozes .....	125
Memórias da inclusão .....	131
Fora de cena .....	135
Soberania .....	137
A migração .....	139



## Dirigido por mim

No para-brisa está escrito: rastreado por Jesus. E Nicodemos é um homem de fé. Sempre quis manifestar a única religião verdadeira nas estradas, pregar o evangelho ao longo das viagens, caminhoneiro da tarefa divina. Agora a bênção dos céus o cobria de quilômetros, a pista se abrindo de par em par, promessa de horizonte dos heróis de Deus, pois agora era dono da própria direção, *in hoc signo vinces*. Em nome do Eterno rebatizava aquele veículo: Carruagem da Salvação. Olhou pelo retrovisor, sorriu pela distância que o separava da curva dos perdidos, a salvo das línguas supersticiosas, das bocas orientadas pelo Cramulhão, roubador de espíritos, não a dele, que andava com o Senhor de todas as coisas, Aquele que tem poder para lançar no inferno a alma dos danados malnascidos, destinados à desonra. Para sempre seja louvado o nome do Senhor. Fizera muita campanha dos sete testemunhos, subira muitas vezes, com fôlego de Sansão, o monte da promessa, adentrara o santuário de joelhos, e toda mão ungida pelo Pai o abençoou e deu vitória, e disse para vencer sem medo, e eis o profeta com seu carro de fogo e tantas viagens por fazer. Para o sustento, sim, que o operário é digno de seu sustento, diz a palavra santa, mas muito mais para apregoar a vida de maravilhas que o santo de Deus merece e tem direito de exigir no altar das cruzes, onde o azeite é honra na cabeça do crente, e o sacerdote apregoa a terra de leite e mel. Como a espada de Pedro na orelha do laçao do sumo sacerdote infiel, essa Carruagem da Salvação visitará a terra dos ímpios, para que seja pregada a dádiva dos dias eternos, e as almas sejam salvas pela



palavra e pelo arrependimento dos homens maus. Eu, que creio, digo amém! Eu, que estou feliz, digo aleluia! Louvado seja o nome do Senhor, que o punhal sagrado pertence ao crente, a espada do guerreiro de Deus triunfa no dia-a-dia de milagres, que assim feriu Davi seus dez milhares. E deixando para trás os dias de trevas, o samurai de Cristo segue adiante. Para lá da curva dos perdidos está o Egito, está Sodoma, revolvem-se a Babilônia e os filisteus no próprio sangue e vômito. É lá que jazem as ruínas do ímpio, vencido pela espada divina, a carcaça do incircunciso merecedor da Geena, inimigo atravessado pela espada vingadora do Altíssimo: o corpo esfaqueado do antigo dono da Carruagem da Salvação.

## Memorial do triunfo

Quando entro no faustoso apartamento ou na mansão soberana, à direita tenho o corpo encurvado do velho Sr. Pedroso, o tal que me perseguira quando criança, quando em seu quintal eu caçava os frutos que me eram mágicos. Seus braços de agarrar e espancar invasores hoje são úteis para pendurar guarda-chuvas e casacos. Penetro na minha velha casa de luzes turvas, jamais apreciei as descargas plenas de lumens avivados. Despejo meu corpo necessário na poltrona pouco entusiasmada em recebê-lo. Ela tem as escaras que lhe imponho, para que minha pele seja uniforme e viva. Também o tapete sofre meus passos altivos e geme com o peso agravado pelo salto solene do sapato. E o desenho do tapete é eivado de sinais de vitórias, de dedicatórias acintosas aos inimigos vencidos, de risos tangíveis da celebração do grito, ali está uma carranca que sofre agulhas, eis aqui uma avalanche de crianças órfãs e servis, acolá dúzias de mulheres que marcham sem seios, nos rostos a marca dos maridos também decepadados do mundo.

Tenho sede de provar a fumaça das colheitas perdidas, das aldeias queimadas. A caixa que guarda meus charutos épicos são as costelas cristalizadas de um menino de oito anos, cujo pai recusou-se ao pagamento de impostos. É doce fazer os ossos girarem em unísono e revelarem os legítimos corpos que fumo em tragadas imparciais, dono da justiça e do direito. Sorvo o sabor da bandeira submetida, dos suores vãos da rebelião sufocada. Deponho as cinzas sobre o queixo inferior exageradamente solícito de um líder subjogado, e sua língua mantida rósea se encarrega de receber os restos de

meu paladar vitorioso. Nem mesmo permiti que lhe fechassem os olhos: é com o assombro da derrota que ele contemplará para sempre a minha sala de troféus. Seu cocuruto calvo foi polido em detalhes para que eu o afagasse em paterna superioridade, como sempre vi fazerem os cínicos senhores de minha juventude crivada de balas, abençoando a população de corpos jazidos sem cruz nem lua, desapossados de honra. Não degenera quem puxa pelos seus.

Já o mordomo, não. Ele não é um senhor vencido, um soberbo que a sublevação frustrada tenha relegado à mísera servidão. Antes, pelo contrário: algumas das posses conquistadas aos rebeldes foram por mim doadas a esse antigo lambedor de botas, para torná-lo poderoso e um potencial inimigo. É sempre com um indagador olhar, em busca de rebeldia e dignidade, que o chamo à sala de troféus onde me encontro, e dou ordens absurdas e o humilha. É a esse olhar e a esses troféus que ele invariavelmente responde com os ombros curvos de quem compreende o perigo dos ideais e a abjeta necessidade da obediência. Mais de uma vez encarreguei-o do brilho sereno no olhar da filha dócil, pré-nubente, que provei na alcova. É ele o meu troféu mais vivo.

Desminto todo e qualquer boato de que a ciência não me interessa, de que desprezo os homens dos laboratórios. É graças ao seu empenho que meus inimigos semimortos conservam nas cabeças decepadas certos movimentos elementares. Foi a descoberta do ânimo mínimo que conferiu mais valor e verdade a cada um de meus troféus. Devo a eles que cada anônimo ou notório vencido execute na face risível algo que me agrada e divirta, como o cinzeiro cujo nariz se contorce diante da fumaça. E o finado de

fato não fumava, preocupado com a saúde. Ou o lábio inferior alongado de outro indefeso, por onde derramo a bebida que sobra. Ou os olhos arregalados diante do jato de perfume que lhes dedico, suas piscadelas sinalizando que em vida não lidavam com aromas e fluidos ácidos. É, infelizmente, desses destacados mentores do veneno que me podem vir os dissabores finais, os desdêns da morte. Preciso deles, mas os vigio. São inimigos que não logrei consumir, sabotadores do meu pão e da minha água. Vítima de complô ou do tempo, degusto o tributo prestado com um olhar cada vez mais exausto. Como quem se despede de uma vida de orgulhosa supremacia, todas as noites deito só ou ladeado de beldades subtraídas ao trono alheio, mirando o teto mirabolante, as paredes prestigiadas, minha própria capela sistina, vitrine de cenas vitoriosas, para mais tarde adormecer. É um sonho que me alivia morrer antes dos meus troféus.



## Damião

Os capangas de Damião me surpreenderam sozinho e desarmado, na cabeceira do viaduto, pouco antes da meia-noite. Eu, que sempre vigio os pedestres, os carros, os hidrantes e postes, desprevenido ali feito turista na praça, com o apelo a tiracolo, esbanjando petisco. Felizmente, estavam com pressa, devia haver outros rumores a desfazer. Além disso, chegaram atrasados, quando já era possível escutar o rugido da locomotiva com vagões obedientes. Só por isso não me enfiaram no carro e me amarraram nos trilhos mais adiante, onde a estrada de ferro passa rente aos olhos de qualquer matador. O tanto que esperneeiei deve tê-los dissuadido de me carregarem até o meio do elevado para me lançarem do vão central. Optaram por atirar sumariamente a minha augusta carcaça de cima do morro, na periferia do perigo, bem ali onde começa o viaduto.

Mergulhei num limbo de escuridão movediça e pancadas sucessivas, descendo sem amparo pela encosta pedregosa. Ainda ouvia as risadas de serviço terminado, e muito mais a aproximação do trem, sem conter uma especulação inútil sobre o número de vagões. Senti o último baque nas costas, ao parar de cair, a dor instantânea na cabeça, e fechei os olhos para o mundo, tentando presentir a antessala do inferno, ou do paraíso, quem sabe alguma oração de minha mãe, bem ouvida no lugar certo. O colosso súbito da locomotiva e seus vagões ventilou raivoso com bafo e estrondo, passou em frente, um furor mal disfarçado de chance perdida. Eu acredito em milagres.

Como um problema adiado, eu ficara retido numa saliência da rocha, invisível lá de cima, e graças ao deboche daquela antepara

natural, não morri esmagado. A composição passava logo abaixo, os vagões entoando nos trilhos uma cantiga de roda, e que trocadilho mortal, e este pior ainda, a cabeça chistosa sangrava uma piada sem graça, e o fundo musical de metal rilhando ameaçava a consciência: da próxima vez... Entre alívio e sarcasmo, escorria nos olhos o sangue de um vivo, um souvenir vermelho da pancada na rocha, e uma lucidez teimosa e paradoxal me fez olhar para cima, na direção do viaduto, tentando ouvir algum ruído dos homens vindo terminar o serviço à bala.

Nem tive que esperar muito para ouvir uns disparos de alvo turvo, às cegas, desnorteados pela escuridão. Certamente desceriam para conferir o resultado depois que o trem passasse, e um pensamento sem chance floresceu: em meio ao breu, calculei precariamente a frequência da passagem dos vagões, com base no ruído intermitente de sua passagem, e pulei para um deles, felizmente não tão lotado de minério quanto os de brinquedo, do meu tempo de criança, generosamente deixando um espaço providencial para onde rolar um fugitivo e bater na lateral, e é bom que não exagere o impulso, para não se acabar debaixo das rodas, ou contra as pedras invisíveis.

A composição me levou de carona, protegido das balas, imóvel e invisível, sentindo o perigo se distanciar, ainda com o coração na boca. O problema passou a ser o lugar certo para saltar, que eu não compartilhava do destino do minério, eu que nem sou de aço, e em breve um túnel chegaria para me escurecer de vez, um temor crescente de me asfixiar no pó negro e na fumaça enclausurada. Escolhi a curva mais próxima, em meio a um descampado, e me lancei na brita do entorno dos trilhos,

protegendo a cabeça com os braços, que se lanharam na queda, assim como as pernas, que o jeans não protegeu das escoriações. Menos sangue na conta, medo do saldo devedor. Rolei alguns metros, acho, no declive, antes de parar, e decerto demorei a me levantar, mas não quebrei osso nenhum.

Comecei a andar rente à ferrovia, de volta à cidade, como quem desdenha da rota do trem, como quem desacredita de qualquer rota, diante dos olhos noturnos o medo dos capangas de Damião, dispostos a emendar o amadorismo inicial. Foi difícil chegar mancando, lanhado e maltrapilho à cidade de olhares oblíquos, e nenhum taxista me levaria sem receio e delação. Cheguei à casa de Penélope quando já amanhecia. Lacônica, ela abriu a porta para o meu estado, e derramei cansaço e pó de minério na cama de casal. Desdenhando com a cabeça, ela disse que esperava por algo assim, mas que eu não tivesse medo, o marido e os capangas comemoravam num sítio, desde a madrugada. Não consegui conter a risada nervosa. Até eu já me considerava morto.





## A fila do banco

Eram todos nus na fila do banco. Peregrinavam uns a caçar nas máquinas o níquel guardado, para deveres e deleites. Outros depositavam no confessionário eletrônico o numerário colhido nas indecifráveis transações que o dia e a noite ocultavam do contribuinte cansado, alheio a tantos iguais. Havia os que pagavam pelo que os olhos viram e o coração sentiu como perda irremediável não ter desde já.

Eram todos nus, e arrastavam a própria nudez ao som de risos nervosos, de enfado silencioso, de secreto choro e rumor de morte. Tantas etiquetas pendendo dos tecidos pretensiosos ou modestos eram apêndices da carne, disfarces para o corpo que morre.

É bem verdade que enquanto uns eram sovinas com a própria palavra, e a poupavam dos outros, que talvez fossem menos miseráveis com o sorriso e o verbo alheios, outros se estendiam em comentários redundantes sobre o tempo que fazia, os crimes da moda e a demora dos outros, pois mesmo nessa simpatia de conveniência havia um maldizer habitual. A proposta de amizade se construía como desprezo do terceiro. Negociavam os humores como guardavam e sacavam as posses, mesmo com vontade de fazer morrer o reclamante, e todos se arranjavam de um ou outro jeito nesses vis comentários, pois não havia ali um mais forte ou decidido que fizesse da violência seu anúncio. Melhor deglutir a ofensa, não se sabe o que acarreta amanhã o golpe de hoje. E a custo os nus mais jovens deixam passar uma senhora idosa de peles pendentes, que paga o pedágio do caminho aberto com sorrisos débeis, uma

idade que já não argumenta com egoísmos levados a sério. Bem no íntimo há quem queira apressar a morte daquele corpo que ruma lento para a cova, tão pouco comercial, banido dos pixels da tela noturna. É com certo alívio disfarçado de cortesia que os demais veem a velha carcaça se afastar do instantâneo convívio, juntar-se ao magma empoeirado da rua, que lhe seja dado o descanso longe dos altares onde a mercadoria pulsa.

Além da porta giratória, empunhando senhas, outros corpos batem-se no débito e no crédito, e os olhos mecânicos do vigilante contemplam as oferendas provisórias deixadas na caixa de acrílico em nome da segurança. A mão oculta no bolso já é um poder cansado, sem pompa, que admite os andarilhos suados no santuário.

Os caixas digitam em rotinas o desinteresse pelo cliente, e as unhas e mandíbulas de todos se comportam porque há disciplina e alívio em preservar cada lugar no mundo. Ao cair desse nicho, o que será do devedor? Por isso, nada de protagonismos, sejam os corpos dóceis e decentes, cativos e ordeiros no silêncio respeitoso diante do slogan da casa, cuja missão se estampa na parede, feito deboche. Caminhem todas as genitálias ao sabor do numerário, ouriçadas e plenas quando sobrevivem à balança, envergonhadas e nulas se a vida lhes custa mais caro.

Tanta carne indecorosa, tanto frio diante do ar da metrópole, tanto suor em meio às penas do comércio, tudo exige que se arrecade mais, e mesmo as moedas parcas que custeiam o ir e vir são rodela do falo do deus poder. E nessa ciranda sem sentido o cliente caminha, a alma afligida pelo chamado da propaganda, o coração refrigerado pelo crédito, quando perdura.

A paz, no entanto, não se garante ao pacífico. Ele pula na ponta dos pés para alcançar um dia a mais de vida, silencia imprecações e balbucia as súplicas para não acordar quem o expulse, mas vem a noite sobre os corpos eleitos, a derradeira mancha sobre a superfície da pele abandonada. Por isso, eis que são cinco os homens armados que preenchem a agência com gritos de uma fome imediata, ordenando que estejam todos no chão. E houve dois que tardaram de pé, indecisos no reflexo, daqui para frente estáticos, carne baleada, indefesa, colhida no espetáculo de um dia a menos. Todos os armados eram governantes no seu querer de tomar reféns, ostentar a dona-de-casa e o engenheiro como ganhos de troca, como salvo-conduto para a fortuna e a liberdade.

Para que não se pense em apenas dois atos para essa peça, entram, na sentença complexa, os uniformes de oposição, policiais que se postam na periferia e escolhem alvos entre os bandidos. Não pensavam que roubariam a caixa-forte da manada rica e zombariam assim com esse riso barulhento de ralé, não é mesmo? Eis a resposta, que a nudez também é patrimônio de astutos e violentos, e todos sucumbem ao final dos fatos. É uma troca insaciável de tiros, que sempre termina antes do resultado justo e ponderável. Há um engenheiro morto, mais pesado na manchete que a dona-de-casa, também um sargento que pereceu à orgia de cálculos, mas nenhum assaltante sobreviveu à ação que demonstrou a perícia dos homens de elite em combater o crime no momento em que ergue a cabeça, diz o secretário de segurança, meio desrespeitoso ao esconder a crise numa fração de efeitos de tela, editando a face num trejeito de força.

O dia seguinte é constelação de lembranças, nas manchas de sangue que salpicam a calçada, nos cartuchos desperdiçados fora dos órgãos vitais. Muitos cegos comentando a versão oficial, outros cegos tateando por entre descrenças uma verdade que valha por um dia inteiro.

Mas nem tudo está perdido diante das máquinas da provisão. Não há quem não alterne nos lábios ágeis as cenas de massacre com as chances do capital. Ofertas de ocasião fazem supor o exílio e o ridículo para os faltosos do consumo, e acalentam a audição prisioneira, tanto quanto as tarifas apascentam os nervos distensos, para que não se esqueçam de temer a privação. E quando nem se espera a velha está de volta, abrindo a ala que lhe cabe pela insistência e algum direito capenga. Falemos do cancro alheio antes que o nosso nos mate.

## Narciso longevo

O velho absorve-se em olhar o próprio reflexo na água, como se assim pudesse fazer voltar os anos. À direita e à esquerda do rosto devolvido não há nada nem ninguém. Tudo e todos ficaram pelo caminho, aparecendo nas próprias águas cansadas.

Lavou o rosto. É preciso que pelo menos o suor seja trocado. Ergueu a cabeça para ver o caminho que ainda falta, bem menor que o percorrido. Evita olhar para trás, para não ver que os bosques e frutas ficaram em outros tempos.

Ele tem sobretudo a sede, que o faz parar a cada curso d'água e contemplar, estúpido, a superfície. Ele sente que pode se perder no reflexo, e nunca mais achar o caminho nem o mundo. Mas tudo, até a água, é matéria de insensatez e memória fraca.



## Campanha da prosperidade

O inferno é semelhante a um homem que nunca teve ovelhas para perder, mas sempre se creu no direito a todas. Cercado por próspera vizinhança, resolveu que o vizinho da direita tinha mais do que precisava ou merecia, e subtraiu-lhe uma ovelha, cuja falta o rico proprietário não notou. O homem-inferno, então, comeu carne de ovelha e viu que era bom. No dia seguinte, o vizinho da esquerda também perdeu uma ovelha, sem perceber a falta. A carne de ovelha continuava saborosa, embora um pouco menos que no dia anterior.

O homem passou a roubar as ovelhas de cinco em cinco, depois de dez em dez, vinte em vinte, enriquecido pela ausência, indiferença ou covardia dos vizinhos. E porque já precisava de mais espaço, moveu as cercas de lugar, e à esquerda e à direita suas terras iam crescendo, roubadas aos outros proprietários. Em pouco tempo tornou-se o maior fazendeiro da região. Invadiu as casas dos vizinhos e os matou ao fio da espada. Daí pra frente acrescentou vinho à fartura da mesa, todos os dias, porque não ficava bem para um homem de nobre estirpe não festejar as conquistas. Mas já a essa altura, não sentia o gosto do carneiro, e nem toda a vinha da ilimitada propriedade o faria esquecer que estava nu.

O inferno é semelhante ao homem que criou a própria sede ao cobiçar a imensa caixa d'água do vizinho. Não tolerava que, além de imensa, contivesse água mais cristalina que a sua. E toda noite, antes de dormir, subtraía ao vizinho um copo irrisório de água, bebia um sono feliz e tinha sonhos de grandeza. À medida que



prosperava, o rico demolia seu reservatório e construía outro maior, e ficava cada vez mais difícil e perigoso para o homem das invejas penetrar com segurança na caixa, para subtrair seu ínfimo copo, inteiramente sozinho naquela afronta e naquele triunfo. É certo que cedo ou tarde o inferno-homem cai e se afoga na água cristalina. O que o mata antes do último fôlego é não saber se perece pela sede crônica, pela fraqueza que lhe aprisionou os braços ou pelo fracasso em beber água pura com alma pequena.

## Início de primavera

Daniel largou Leona numa manhã imprecisa dos fins de setembro, com um laconismo descortês e perigosamente indiferente à posse ensandecida de certo tipo de fêmea. Foi um pouco depois disso que a foto de ambos na mesa de Leona, de fundo ensolarado e dois rostos em contrato, começou a aparentar um estranho vendaval em todos os ângulos. E desse momento em diante a mulher de Daniel, antes tão alheia ao calor clandestino dos dois amantes, passou a receber ameaças. Uma voz masculina que prometia obscuros desassossegos.

O filho de Daniel, investido nos quinze anos de idade, formou-se subitamente em vingança, acostumou-se a andar com canivete, disposto a encontrar a voz que ameaçava a mamãe. Leona tinha uns risos sublimes e loucos, um esgar abandonado sem sutileza, a tábua das marés que intenta de madrugada fazer sofrer o diabo. A mulher de Daniel amalgamava medo e revolta com o caldo de ameaças e denúncias da voz canalha que lhe prometia carícias e dores extensas.

Daniel redescobriu o diário e os drinques, tomava nota de cada ameaça e choro, na véspera da incursão ainda registrava em pena azul e pauta rasa a tragicomédia da vez, desejando em vão esgotar a escrita, absorto na angústia de não ritmar a vida nos trilhos, expulso da ilusão de conter a antiga Leona entre as quatro paredes proverbiais. Nem conseguia mais falar com a amante, cujo projeto de vingança fechou todas as portas por onde antes entravam frases deliciosas de um desejo chão.

O filho de Daniel agora maldizia o pai, safado, jamais merecedor da antiga amizade, tão alvo da arma branca quanto o verme que afrontava genitoras.

Em vão Daniel cavou diálogos, queria ao menos circunscrever a si próprio a danação dos nervos de Leona, pelo que dirigiu trôpego até a casa da moça, até o portão do qual se ouvia o piano arremessando pesadas notas nos passantes da rua amarga. Sem sinal ele girou os gonzos sem tranca e alcançou, pé ante pé, a sala imersa nos acordes dementes de Leona, estacou diante dela, destituídos, ambos, de afeto: agora ver o homem inspira o salto súbito para a faca sobre o piano, recém-saída da cozinha, como um quitute lacerante.

E como se o piano, agora silencioso, inspirasse uma dança de demônios, dois corpos desenfreavam-se um contra o outro, disputando o troféu-lâmina, até que as linhas sinuosas da mulher, jovens e loucas, alcançaram a propriedade cobiçada. A moça torceu-se entre pragas, no entanto, quando o braço do homem dobrou o seu para trás e o fez largar a lâmina sobre o tapete. Ele transpirava poder ao deixar o braço da dama e acenar, ingênuo e confiante, com uma conversa sem defesas. Por isso, excessivamente decifrável foi o pé que lhe alcançou os testículos com força para curvá-lo; pequena e rápida se mostrou a mão feminina crispada que lhe fincou nas costas largas a lâmina ressurreta do tapete.

– Eu vou acabar com você, canalha! Você e sua raça me devem – um grito de guerra para ser temido pelo autor do abandono. Mas era tarde. Do corpo largo e da mancha de sangue não veio resposta, e o telefone obcecado chamava, do outro lado da sala. Se Leona atendesse

ouviria a voz contratada para ameaçar a esposa de Daniel, cobrando da mandante o preço combinado. Leona não tinha mais os acordes do piano, só o chamado incansável e a faca de repente muito desajeitada numa mão de tremores, quando suplicava que o homem caído, talvez morto, não fugisse, covarde de merda, que levantasse, que ela não podia atender o telefone com as mãos sujas de sangue.



## O arco

É todo um arco que se abre para dar passagem ao mais inexpressivo dos passantes, invisível no seu quê de inação imperiosa, como se nem mesmo fosse capaz de sorrir ao degustar a própria vida, que beira a inexistência. Esse arco tem no topo a inscrição que o passante, em sua semi-integridade, não pode alcançar em sentido e em admiração. Essa inscrição nada mais é que o nome do indistinto transeunte gravado para que todos os maiores do lugar saibam que o arco foi edificado somente para ele. Buscam, esses poderosos, demolir essa construção espúria, desaforo impudico, mas não conseguem se unir na escolha do meio e do dia exato. Uns querem explodi-lo no exato momento da passagem do desterrado, outros prefeririam mandar demolir a obra tijolo a tijolo, degustando o olhar atônito do passante indefeso. Brigam tanto pelo domínio da opinião alheia que cresce e se multiplica sua inimizade, afastando cada vez mais o risco do atentado. O pedestre, roto, sem respeito, destituído do sentido da homenagem, passa todos os dias sob o arco. O construtor não repete o próprio nome no risco.



## Estigma

Com o esbarro da esposa no banheiro onde ele se barbeava, Urbano Vita se cortou, já na saída para a missa dominical e familiar, em que veste a melhor roupa. Enquanto desculpava a mulher, Vita percebia, um tanto desapegado do antigo chão, que não fora um corte tão pequeno, e sim a concupiscência do sangue, como se a lâmina ferisse a terra madre e não a pele de um simples rosto de homem. Como Urbano vestiria casaco sobre a camisa ensanguentada, aberto no peito em bandas de horizonte fendido, não se preocupou com a camisa, até porque estavam ele, mulher e três filhos pequenos atrasados para a missa, vestir a todos era tarefa que os sujeitava ao arrasto laminar do tempo.

Mesmo em dias de vozes armadas, era costume de Urbano a alegria da missa, e tanto que preferia os bancos da frente, como se a bênção se apagasse na proporção da distância do altar, talvez porque assim se aproximava o sujeito das baionetas em volta da igreja, perseguindo o inimigo ardiloso.

Era já o momento do sacrifício do cordeiro, todas as hóstias clamando pela lembrança, quando irromperam na igreja os passos insolentes do tenente Lima e seus homens, perseguindo mais os dividendos da própria imagem que os fugitivos eventuais do regime, e cravando no padre as inquisições cochichadas com veemência conspícua no altar. Padre que não defendeu em verbo a casa de Deus do assalto das armas, salvação da alma é negócio que se toca sem tortura do corpo.

Tenente Lima no altar, agora a viva voz: buscamos um homem



fugitivo, que se refugiou nesta casa de oração, ferido por um de nossos bravos homens, suspeito de traição ao pacto de emergência. Quem da assistência que o souber próximo tem o dever cívico de entregá-lo, a fim de não pecar por cumplicidade.

Nem de delator precisou, que o acaso edifica o templo de Barrabás e Pilatos. Os olhos se alimentaram da mancha de sangue na camisa dominical de Urbano, que naquele instante se ensimesmava na contemplação de um nada angelical, um vestígio infinitesimal de fé a que se agarram os distantes. E grande assim ou maior era a distância entre o sangue do acidente e o ferimento de carne alvejada por fuzil.

Tenente Lima, no entanto, tinha apreço pela opinião a seu respeito, boa ou má, e cercou o ingênuo com seus homens, um velho ritual no interior das rezas sociais. Um riso indisfarçável ao abordar Urbano e seu sangue: que me diz, paisano, dessa cor suspeita na camisa? Do enlevo da contemplação e da fé, o abordado ergueu os olhos para o pavio do destino, a tempo de ver a armadilha de que era o ator principal. Supôs a justiça do outro, e por isso sorriu na resposta: acidente de barba, senhor, e a pressa da saída. Sinto não estar apresentável.

Alto, para o público cativo da igreja: Caçoando de mim, marginal? Está preso, em nome do Estado e da fé. O padre só assentia com a cabeça, referendando o poderio do tenente armado. Olhar arregalado da família, explicações em brados, recebidas como desacato, que o tenente multiplicava desafetos. Quis enclausurar todos os descendentes, mas sua cena não comportava figurantes em demasia. Urbano ainda alegava acidente, relembando incrédulo o

pouco que o lançava na prisão, querendo se livrar desse ocorrido como quem expulsa ratos de um sonho.

Encerrado o cortejo de choro, arrastada a família à praça e à lama, o padre descerrou a homilia do pecado, e brindou com améns a noite dos pios, sem metáfora bastante para o reino dos céus.



## O sismo particular

Sonhou que perdia um balde de pérolas no jogo para o inimigo do seu pai. Ergueu-se de má vontade, não por saudade do sonho, mas porque tinha a obrigação de sorver um dia melhor. Pisou no controle remoto da tevê do quarto, que só ligara para ver um documentário sobre o sismo particular. A muitos impulsos do epicentro da cama a temperatura subiu numa rajada de palavões, ouvidos na casa inteira por uma multidão de ausentes. Ainda assim, lá foi ele alimentar o cachorro, que afinal não tinha nada com isso.

Rex, chamou, e de repente se converteu ao credo dos que acham Rex nome óbvio demais para cachorro, clichê batizado na bacia dos imbecis. Rei de quê, logo ele, que nem raça tinha? Cachorro de um dono medíocre, que não se destacou no colégio nem como mau aluno. Ao fechar a porta, irritado, a miniatura da garrafa no chaveiro aborreceu-lhe o dorso da mão. Por que garrafa, no chaveiro presenteado pela namorada? Por que ela não lhe diz de uma vez que ele é um bêbado? Então, toda a massa de azares o esmagou numa só ira, e ele arremessou o chaveiro ao léu, e o léu quis que caísse pesado sobre a tela do computador que esperava, irônico, algum trabalho.

Fragmentou-se o monitor em partes debochadas, e o dono daquela ruína fez dela um aríete e a lançou ingenuamente no chão, não sabedor da frequência do riso das coisas. Um pedaço mal intencionado fendeu o aparelho de som, que sempre tocou umas músicas suspeitas. Malditos acordes, faça de vocês maça de guerra.

Atacou com as caixas acústicas a janela da sala, incapaz ver aonde chegaria o tremor sem descanso. E além da janela há o carro,

depósito de prestações que nunca acabam e de ruídos estranhos que espreitam o passageiro de qualquer mecanismo: a chantagem, a ameaça de deixá-lo na mão. Outro que se ria dele, o boçal à mercê de tudo. O capô recebeu a caixa de som com aquele desejo de dano, a gargalhada disposta em riscos na pintura.

O portão cedeu à ré violenta, derrubado no asfalto da alameda tranquila. Agora era ele quem ria, de posse do volante que girava rápido, feito roleta russa. Todos ao diabo, que a dança vai começar. Desenhou arcos negros no calçamento, compôs com as rodas uma sinfonia curta e definitiva. Houve quem medisse o impacto pelo som do riso.

## Recenseamento

O domicílio em questão é próprio do morador irrisório, que o invadiu numa noite de temporal de água e almas. Ele passou a morar ali com os demais miseráveis, sabedor de que mais tarde a polícia desalojará todos para a demolição do prédio anunciada pelos tapumes. Jamais foi paga tarifa nenhuma de ocupação, e todos os descendentes herdaram a cessão clandestina, cultura que nos diverte.

O domicílio não conta com banheiro convencional, todas as dependências decadentes se abastecendo do odor dos dejetos dos corpos de mais de trinta mortos-vivos, que copulam na madrugada com indiscreto alarido, e consomem doses mortíferas de caldos alcoólicos e inalações de tolueno obtidas com a mesma volúpia dos corpos sujos e doentes. O odor dos excrementos e da sordidez primordial desperta as queixas dos vizinhos para o grande despejo que virá.

O domicílio não recebe água encanada, dado o colapso da bomba. Toda chuva é bem-vinda para higienizar a estação de sofrimentos e fazer brotar uma alegria selvagem e ingênua nas proles do lugar.

A precária liderança determina que o lixo seja acumulado e posto para fora em dias próprios de coleta, mas a revolta e o tédio, a loucura e a folia de um ou outro morador faz brotar das janelas o erro recheado que se aloja, digamos, na cabeça de algum transeunte risível, que desfere no ar os palavrões e imprecações acolhidos pelo coro dos mal abrigados, e tudo se torna danação e festa para o ouvido noturno.

A energia elétrica é direta e inequivocamente roubada da concessionária por meio de gatos bem urdidos e oportunistas, e ai da

equipe uniformizada que tentar desfazer a ligação imerecida, mais de um funcionário foi apedrejado no cumprimento do dever, sem estátua nem medalha. Não há medidor de energia elétrica, mas sabe-se que ela é consumida quando, por exemplo, o filho menor de uma das mães adolescentes mete um garfo na tomada e se carrega de uma chorosa sensação, que só se repetirá com muito mais poder destrutivo quando, crescido, for soltar pipa na marquise e morrer eletrocutado nos fios de tensão superior.

Uma das moradoras, de uns trinta anos, foi barrada na fronteira da Terra da Provisão e voltou anêmica e desidratada. Mais ninguém tentou morar no exterior depois dessa presepada. No dia 31 de julho era indecifrável a quantidade de moradores, pois nesse dia um tiroteio entre policiais e traficantes colheu na janela do segundo andar o vulto malogrado de um sexagenário que alternava sessões circenses com a exibição às crianças da genitália lamentável. Também nesse dia mudou-se para o domicílio um casal de retirantes com os filhos tristes de vermes, e essa população flutuou desde que o mundo era mundo, e os restos do despejo jamais seguirão pela mesma história.

A responsabilidade pelo domicílio era de um homem branco, poliglota, caído em desgraça e vindo morar na mendicância, mas sua morte por overdose de dracmas perdidas pôs em descrédito a ideia de liderança, e alguma violência está sendo promovida na pele dos convivas a fim de que quem puder mais chore menos.

Impraticável elaborar a relação de moradores e seu parentesco, pois ninguém sabe nome de ninguém e os próprios sujeitos só se entendem por semigente a poder de apelidos e assobios. Sabe-se,

no entanto, que aquela vaca do andar de baixo, aquela que quando surta não deixa ninguém dormir, enche de chifres a testa ensebada do coroa que mora com ela, e o parceiro de corneada deu uns chutes na filha caçula e a arrastou pelo corredor porque sumiu o baseado da noite. Essa filha foi parida por uma menina magricela de cabelo pintado que morreu no parto e cuja mãe, por vingança passional, tentou enterrar o feto vivo no quintal, e descoberta, cumpre pena onde ninguém visita, pois não se pode estar presente diante dos ausentes.

Adilson Luana, do primeiro andar, se declara de sexo feminino e depois de uma facada numa briga, desistiu de lutar por Nicanor: nem comparece mais aos trabalhos do terreiro, nem ameaça mais de morte o antigo parceiro, hoje enamorado de uma passista, às custas da qual vive.

Há também uma menina, algo abaixo dos dezoito, que pulou o tapume para cumprir a sina do cachimbo, e foi agarrada por três ou quatro insones, continuando sem nome mesmo com tanto acasalamento. O que restou dela foi sumariamente desposado pelo mudo do porão, que lhe paga os favores com o cachimbo do início. O sorriso da infante sugere um final feliz.

As idades dos moradores são acirradas pelo desgaste do equipamento humano obrigado à operação em condições extremas, sem nenhuma garantia ou assistência técnica. Não há certidão de nascimento porque nenhum acidente é certo, e a contagem de meses e anos totaliza zero se o seu futuro espelha essa grandeza. A cor ou raça de todos é inviável, emporcalhados que estão da mesma fuligem e do eterno lixo, e as doenças e vícios que os amarelam e incham são politicamente corretos na medida do seu enquadramento no vídeo.



Os moradores que aprenderam a ler e escrever, lançados na rua depois da idade escolar, frequentemente tentam ser reis na terra de cegos, mas cedo ou tarde um golpe de Estado os destitui na noite. Quando não é isso, sucumbem ao néctar da fuga, ministrado em largos sorvos de manutenção, porque a leitura do mundo os liquefaz na angústia.

O rendimento dos moradores mais afoitos é tanto maior quanto menor for o cuidado dos transeuntes, e mesmo os habitantes mais ordeiros da construção condenada se veem vítimas dos outros, mas estão todos irmanados na mesma derrama de sangue que os mascarados armados promovem, sempre que o número de inquilinos se eleva acima de certo nível, desconhecido de todos. Pelo sim, pelo não, os invasores mais antigos tratam de limitar novas apropriações do espaço em questão. Eis porque de um ano para outro sempre falecem alguns moradores, em número indeciso e insuficiente.

Nenhum morador prestou informações sobre o muquifo lamentável, e as esparsas notícias vieram da massa externa e anônima e apressaram sua demolição, que por ineficiência da engenharia e flutuação da opinião pública, não consumiu o lixo que anda.

## Depois do crime

Depois do crime sempre havia um grupo na esquina comentando. O barbeiro dizia que a lâmina descera sobre o pescoço da vítima em diagonal, o que indicava, segundo ele, que o assassino era mais alto do que a vítima. O padeiro dizia que os hematomas no corpo sem vida foram produzidos por pessoa muito mais forte, que só usara para a tarefa as próprias mãos. O verdureiro acrescentava que o crime acontecera muito antes de o corpo ser descoberto, pois a coloração da pele do cadáver tivera tempo de mudar.

No fim da conferência, os homens se dispersavam e não repararam no farmacêutico que fechava em silêncio seu estabelecimento. Nem viram quando ele esfaqueou mortalmente a vizinha, que sempre achou de mau gosto discutir crimes na rua.



## Praça de alimentação

O trago do fantasma bebeu a si mesmo. Em volta muitos ignoravam a função. Eram indiferentes ao concurso das horas numa só mesa. Incompletude dispersa, mas segura de si.

Enquanto isso, era importante obedecer à sinalização. Alimentar os animais supérfluos. Pisar no chão médio onde corpos e almas alegam inocência. Eu os vi, não tinham olhos, haviam meditado vitrines demais.

A infantaria de compristas alaga o passeio público. Espírito de Natal, *esprit de corps*. Nunca os ouvidos se entressafram da avalanche de impropérios, mas nada de pânico, só fechamos às dez em ponto. Limitem-se à produção de ágios e ócios, é o sábado, não necessariamente do Senhor. Ele que compre o Seu.

Dedicam-se poemas comerciais à plateia de risos. Inclemências bastam. Vamos negociar à farta nosso complexo de exaustão. Até breve das gôndolas frias, que refletem sorrisos frios. Noite Feliz.

Entram Magnólia e Virgínia, sua especialidade é o cansaço dissimulado, o tédio absorto. Inauguram pela repetida vez a mesa sem gosto e sem diferenças no fundo da praça que se alimenta e morre. Suas sacolas desabam nas cadeiras não tripuladas, algum autômato mal pago lhes dispensa um cardápio surrado e alguma frase sem tutano. Desfalece nelas aos poucos a nitidez da tarde, pedem o suco que mais vende antes de palrarem sobre preços e cores, bocas em volta mastigam num teatro bovino. É Magnólia quem vai buscar o consumo além das lojas: você tem visto o Alfredo? Ao que a outra repisa um meio desprezo, que bem pode ser mentira. Nunca mais, deve estar nos braços da Júlia, aquela vadia. Seguiriam

noite adentro nessa conversa sem pedestal, para desgraça do leitor, se não chegasse um produto desejável. Marcelo tem os músculos malhados, a mente aberta a facção, opinião a respeito de tudo, foi ele que derramou há ano e meio nos ouvidos de Heloísa que o importante na vida não é o bem ou o mal que nos fazem, mas o que fazemos disso. Rufem os tambores, já que Heloísa silenciou a partir dessa máxima, a egoísta. Nunca confiaram nela, que agradece até hoje. Mas eis que Marcelo está ali na mesa ao lado, como quem lança um último acorde cítrico na massa vendável desovada e gasta do Natal. Aliança. Heloísa? Por que só, o coitado? A idiota se arriscava, pior para ela, pensaram dois ânimos em unísono. O primeiro sorriso foi o de Virgínia, para compensar a má posição na mesa, mais distante do tesouro. A outra mexeu os cabelos um segundo mais tarde, mordendo em espírito a concorrente mais ágil. Trilharam o nome doce, numa saudação entregue. Marcelo sorriu de volta, conspícuo, calejado de um ano e meio de sintomas das amigas da esposa. Ergueu uma vez mais a sacola em que jaziam sapatos novos de mulher, como se precisasse remanejar o mesquinho fardo, o bíceps forrado de pelos e mitos na vitrine ao pôr do sol, que as duas olharam com um desejo crepuscular. Magnólia tinha pernas mais eloquentes, coordenou-as num cruzamento tático, convidando o macho comprista à mesa, zombarias veladas à distância da primeira-dama, e que tal um chope na margem do último rio do dia útil, tempo há, tanta luz falsa não aproxima a meia-noite.

Mas da caverna dos mimos saiu Heloísa, orgulhosa do troféu mais recente, um jarro de mau gosto onde guardar mais um quinhão de pó, inspiração que acrescentará trabalho à faxineira

inepta, quanto mais cambiante, mais a mesma. A autópsia do gesto abortado determina que dois pares de olhos reinventem o modo de olhar para Marcelo, de repente inofensivos no macio cumprimento que a dona do vaso sabe bem responder e desprezar. O casal se despede com umas vozes ralas de ocasião, gracejos desbotados, e as desejosas se abrem à solidão dos passos sem viço e eixo, as mãos apegadas ao plástico das embalagens, mudas aquisições de valor subitamente roubado. Enxergam-se em algum reflexo nos domos da arena mercantil, devolvidas à saída e ao ar da cidade pela intolerância do horário que lhes fecha mais uma miragem de paraíso. Comentam o tudo e o nada com um verbo adiado, velas sem mastro, perdidas no oceano de vozes que mentem. Entram no táxi e mergulham numa das trilhas entre os obeliscos, milhões de fagulhas alheias que se erguem sem carinho diante da massa humana. Até a meia-noite Magnólia e Virgínia serão dois nomes ocios, descarnados na memória do comércio, artigos com desconto maior que o preço.



## O patamar

Foi duro e doloroso chegar até ali, mas o descanso refaria as forças. No início, era um repouso solitário e calado, um olhar silencioso para os degraus abaixo. Não tardou, no entanto, para que outros alcançassem aquele remanso, sonho antigo de quem subira a escada por tanto tempo. Ensaivavam o verbo nas congratulações.

A empolgação e o alívio da chegada denunciavam o patamar como o topo da longa escadaria. Havia degraus acima, que aceonavam com o mesmo esforço despendido na subida até ali. Mas declinavam todos do convite, que aquele abrigo para os passos já era euforia bastante.

Chegaram mais passos, uns silenciosos, sutis, sem propaganda, outros ruidosos, fazendo questão de divulgar que ali estavam. O patamar foi dividindo os passageiros por palmo quadrado, e já não era sem incômodo e algum desprezo de pioneiro que se dava passagem aos novatos arrogantes.

Espremidos pela superpopulação, todos fincavam pé na desordem, ninguém se dispunha a descer, onde já se viu, abrir mão da terra conquistada, nem a subir, era só o que faltava, esforço a mais rumo ao desconhecido só para a folga alheia. Que procurassem o próprio desaperto, e o aperto de todos se fazia tão triste quanto igual.

Comprimir-se não é acordo de cavalheiros, é ordem dada por um corpo que expulsa outro que cede, e uma compensação deste à custa de um terceiro, que concede um pouco mais do que mal tem, adiando a negação por mais um dia. Quando a ordem é repelida, quando a obediência soçobra, lança-se mão da força,



negam-se espaço e sossego, e eis dois que se empurram e se socam e se chutam, ferindo-se e aos demais, alguns foram obrigados a descer ou a subir meia dúzia de degraus, outros gritaram em inevitável queda livre pelo fosso além do corrimão, mergulhados no esquecimento dos sobreviventes.

Os expulsos para os degraus da infâmia voltavam aliviados, e eram vistos com desconfiança pelos remanescentes. Estes cantavam longas genealogias, dançavam ao som dos mitos de sua ficada heroica. No início torciam o nariz para aquela gatinha recém-fedida, sem tradição nem brios, mas não tardou para que preferissem torcer o nariz do invasor. Que por sua vez alteava a cabeça, era raça forte e sobrevivente, exigia a compensação pelo degedro sofrido.

Já ninguém dormia quando irrompeu novo embate, dessa vez com tiros e lâminas, e os mortos contracenavam com os vivos respingados de sangue. Alguns fugiram daquela guerra para os desonrosos andares abaixo, envergonhados pela perda do paraíso fugaz. Outros pereceram no vazio do fosso, atirados sobre o corrimão, e os corpos se empilhavam lá embaixo sem enterro nem nome.

Dois dos refugiados, no estertor da aflição, subiram os degraus para o desconhecido, extenuando-se ao segundo ou terceiro andar acima da convulsão, ali parando para tomar fôlego, e mudos tentavam esquecer quão perto passaram da pele as balas e demais perfurantes.

Exauriu-se o redemoinho da revolta e já não vinham de baixo o som dos tiros e as palavras de ordem, mas ambos guardavam no rosto o resíduo perpétuo do medo e do cansaço. Quando emergiram do silêncio, já ouviam passos débeis que subiam. Concordaram em descansar naquele alívio por mais algum tempo. Um prêmio pelo esforço.

## Devoção

Há na casa de Francisco de Assaz muitas fotos de Delfina entornizada, guarnecidas por nichos em que habitavam rosas colhidas no jardim da catedral.

Também foram encontradas muitíssimas inscrições, múltiplas de sete, com o nome Delfina na cama de Francisco, no chão do quarto, no guarda-roupa e em cada espelho do teto, que também exibia pinturas da amada como vitrais de igreja.

Ainda foi achada a inicial D em cada um dos sete projéteis que atingiram a cabeça e o tórax de Delfina e a levaram à morte imediata.

A polícia não sabe se classifica o crime como passional ou religioso, e Francisco de Assaz não sabe se depois que sair da cadeia fundará, com o nome de Delfina, uma seita ou um bordel.



## Pão e circo

Sempre que dava um autógrafo, o comediante vesgo entortava a boca num sorriso de dois dentes: cara feia pra mim é fama.



## Substantivo noturno

Às vezes o silêncio encobre uma parte da palavra, que fica com fração do sentido oculto, indeciso, pendendo entre meia dúzia de soluções de seu próprio enigma. E esse eclipse, embora entristeça muitos pela perda da clareza, a outros faz viver, já que são estes últimos criaturas da noite verbal, espécimes incapazes de respirar onde a luz é abundante. É que os nomes das coisas nelas cabem enviesados, oblíquos, dispostos de jeito canhestro, como armazém que desmoronasse. E não é de segunda ordem o fascínio que operam nas consciências luminosas, coloridas, seduzidas pelo cabedal de variações de tanto cinza e negro, derrapadas nas curvas do sentido indistinto, do parecer subterrâneo.

A palavra oculta em partes pelo silêncio aqui e agora refere alguém sem nome, incapaz, pelo muito que viva ou morra, ou pela extensão da sombra que projete, de se fazer nomear como queira. Pois desde o acidente do nascimento do homem ensombreado, aspecto da curva do mundo indistinto dos demais acontecimentos esquecíveis, esse parco número envolto em nuvens de acaso não faz senão repetir as ordenanças do já feito, e eis que ele é, por exemplo, mendigo exposto ao dia e à noite aziagos pelos quais agradece aos céus antes de dormir, ou antes de a cidade e o mundo se fecharem sobre ele em derrames de execração ou morte. E a esse aspirante de dormente é permitido deitar-se na calçada forrada de papelão industrializado sob as mais rigorosas normas de qualidade e segurança, e cobrir-se se jornais pretéritos, de modo a que nem a sua figura nem a atualidade da miséria

escrita choque o passante vertical. Pois a notícia passada foi muito fustigada pelo tempo, que já varreu a arenosa parte indefensável da palavra, assim como o vento que bate impune na face barbada do homem que jaz na superfície dura. É irônico, no entanto, que os faltos de importância e gozo tenham com que proporcionar o ludo alheio. Que chegam numa avalanche de ruídos, contrapartes do marasmo violento da noite, embebidos em álcool e demais panaceias, entediados como não consegue estar um prisioneiro de grades isoladas do mundo. A ideia de chutar o mendigo caído lhes chega em uníssono, não havendo mais nada a pensar numa noite sem estrelas nem espírito. Em resposta ao golpe ecoado por todos os membros do grupo, o homem arriado não muge, como uma boa vítima que também mendigasse o verbo, mas desfere os palavrões que aprendeu no jargão da cidade chula, de domínio público, e fere os jovens com a ofensa que eles repudiam, como senhores da rua prometida. Um deles ainda porta meia garrafa de destilado ruim. Outro fuma, e com o maço guarda os fósforos. Outro, ainda, consente em se desfazer das meias. É espontâneo, então, servir um coquetel festival e brindar à saúde do semianestesiado homem da rua, atrasado em se erguer e fugir, brinde seguido de solene arremesso de fogo e riso sandeu. E a palavra, que premedita o diálogo das trocas, submerge louca no banquete polifônico de um urro solitário, cantor de queimaduras últimas, e meia dúzia de gargalhadas aprendizas do ofício de convocar o lamento. Essa orquestra de contrastes mudos dura até que alguma janela se abra, na iminência sonolenta da testemunha distante, mas o observador só captura o corpo que acaba de queimar, e

talvez o som de passos corridos dos agentes, como se tudo não passasse de um sacrifício exercido de má vontade.

Às vezes o silêncio convence a deitar fora todos os provérbios, como se desperdiçam os corpos na rua. Ensina que qualquer legenda é muda e vazia, confusão de tombos de uma letra moída de pancada. Toda a razão ausente em vida desceu nula a uma indigência rasa.





## Promessa dourada

Quando Elmano absorve os longos tragos de vinho Promessa, que compra a duras penas, em detrimento do sustento da casa, desprende-se dele um vapor oloroso que é como uma cantiga de deixar ir, um canto de momento acabado que ameaça debruçar-se sobre a vida inteira.

Desprende-se dele também Manuela e vem depositar seu desconsolo nas ondas macias do meu travesseiro de som. É que antes de fazermos a música dos corpos eu lhe conto a história e o futuro de muitas palavras de escuridão e luz, velocidade e repouso. A dama aproveita a ocasião para dedicar ao meu ouvido o dia que ela passou desde a aurora. Parte da sabedoria a que chegarei vem de seus erros tolos, dos quais rimos juntos e suados. É doce quando ela geme amores inventados no calor da entrega, e depois conta as estrelas para dividir o céu em dois. Suas lágrimas se instalam como sementes no meu ombro no momento de ir, como se quisessem germinar uma raiz que chegasse avassaladora ao coração. Em vez disso, meu beijo a despede sem laços, mas minha bolsa a presenteia com um sustento de dias. E ela volta à casa aliviada de várias dores, lá onde Elmano se estende viciado no leito indolente e perdido, alheio à sua chegada, à chegada do sol e da chuva.

Já houve tempo em que Elmano era valente e rigoroso com as lides da responsabilidade. Acordava cedo como um sol prematuro e ordenava a floresta na caça à lenha e ao bisão. Era decidido ao fecundar a terra com sementes de futuro e sorriso vencedor no fim da trama do dia. Até a chegada do sujeito misterioso, o tal que falava das

minas, com gosto e sorriso de muito ouro, como se a fortuna lhe fosse sair pela palavra. Comichão nos ouvidos que arrebanhou os homens da vila, um ou outro pretextando incerteza, encobrendo um medo da aventura, que os humilhou. Tais foram os vencedores, no final.

Porque Elmano e os outros, os aventureiros, puseram à venda muita terra boa a preço de migalha, a fim de obter o numerário da façanha. Elmano, líder feito na pressa da empreitada, deixou Manuela recém-nubente, uma promessa obcecada de fortuna, de filhos mais felizes ainda por virem, de orgulho do marido disposto à sorte, que do azar era proibido falar. Numerosas léguas acima, estada de muitos meses, depois anos, na luta para arrancar o ouro do chão avaro. A demora em voltar abria nos homens remanescentes um sorriso zombeteiro, umas secretas alegrias de morte, que para um ter razão é preciso que o outro fracasse.

Mulheres choravam nos quartos frios, de dia sustentavam a casa com mãos de tessituras e quitutes, que vendiam na feira ao som das perguntas gerais. Triste era responder com alento que o ouro viria, quando já não se cria mais nem na volta dos ousados. Selva tem fera, tem malária, tem o cancro das perdidias, ou achas que homem fica em garimpo só? E os desânimos vinham de toda parte na feira da sobrevivência. Mais de uma briga, de uma descompostura, de um desassossego na praça de tantos pessimistas e faladores, a mesma voz que açulara os homens achincalhava as mulheres, mas para lá voltavam as coitadas no fim de cada semana, de onde mais provinha o sustento? E o sustento feminil era rochoso como só o era a morada do ouro masculino que ria da aventura, como o arauto do anúncio, o duende da fala rica, em alegre desafio.

Recém-chegado à vila, eu as via do alto da varanda mais rica, comprada sem muito esforço. Eu, que da aventura me fiz sempre distante, muito mais afeito ao cálculo que ao suor, umas tantas vezes chamado covarde, outras tantas visto como semi-homem despido de alma. Empreguei-as nos afazeres domésticos e diurnos, pagando bem. Uma ou outra, de pouco em pouco, se me via passar pela sala e descortinar-lhe o sorriso mais cobiçoso, corava, desviava os olhos, cortejava o chão, a enormidade da casa. Cedo ou tarde todas mediam a sina ingrata, entregavam as vontades no olhar de volta, cediam um sorriso cordial, vendiam barato a fé no futuro. Sinalizei-lhes as vindas lunares, é difícil para o homem solitário dormir antes de horas tais. A pouco e pouco passaram dos acenos do rosto às proezas do corpo, à dança revelada das carências, aos detalhes sinuosos de ampla ciência e nenhum comentário. Passei a recebê-las no meio da madrugada, em dias alternados, em horas pouco nobres e muito abundantes, as malogradas esposas, as filhas casadouras, as mães dedicadas, as noivas pudicas. As militantes da terra indócil.

A desistência dos homens veio a seguir, vencidos pela fábula do desejo, invenção bebida em goles largos de cupidez. Vítimas da boataria que ninguém faz ideia de como começou, essa doença de buscar o ideal forjado pelas vozes de terceiros. Viciados e fracos, eles pendem sem forças, arrastando desânimo e privação.

Estou de mudança, vento incapaz de estacionar. As damas de ardor decifrado deste inaugurado fim de mundo cumprem o ciclo e perdem a chama para meus olhos enamorados de outras peles. Descobri outra terra tediosa, sedenta de algum tesouro

inalcançável. Certamente envio adiante de mim mensageiros de verbo aguçado, artífices do boato, que façam existir esse apelo nos homens, que os consumam nos sonhos inócuos. Eis que lhes prometo o ouro da danação.

## Negociação

Ao varrer a casa, era preciso disputar contra o vento para deitar fora o pó e outros pesos, que o sopro da natureza parecia querer metê-los de novo porta adentro. Chegaram então a um acordo o vento e o homem só: algo de dentro de casa por algo de fora.

Assim, ao varrer para o quintal um mesquinho pedaço de folha de caderno, e assim não mais pensar em infâncias que não voltam, o inquilino recebe do vento um mísero fragmento de folha seca de outono, e eis que não mais o deixa a preocupação com a velhice.



## Alívio

No fim, parece bobo e triste. E sem graça. Mas a gente tem que fazer. Este meu riso é um alívio, mas é também um cansaço. Vejo tudo quanto tenho feito, e eis que nada é bom, apenas riso. Um riso que não descansa no dia marcado.

Mas sou uma manifestação do elemento que me cabe. A senhora é que não tinha nada que passar sozinha aqui neste abandono. Nem as meninas do colégio. Parece que fazem para me tentar, fazer-me expor um núcleo de pobreza suicida. Nem consigo parar de rir. É tão inocente esse alívio, que me devolve ao céu. Você é casada, percebo. Tem filhos? A ruína não os alcance, que eu também já abri algumas ruas no mundo.

Sei que você não vai me dizer seu nome. Deve me odiar, como as vozes que me incendeiam o nome, martelando o monstro na bigorna do tédio manso. Açular a aberração para terem o que odiar, mas Deus é grande. Os anjos acampam em volta, mas eu não tenho onde reclinar a cabeça. E nem todos aprenderam a rir. Nesta obra abandonada se constroem muitos enredos. Uns são precipício, outros festa. Hoje é dia do seu degredo, sinta como o mundo parece pairar alheio à sua redução à carne. Nenhuma janela contempla sua danação de olhos íntimos.

E é melhor a senhora levantar logo desse chão e ir embora, largar desse choro sem volta, antes que eu me cure do meu riso e volte a ferir sua terra com maldição.





## Vestido estampado

Ladrão invadiu a casa de Marília de madrugada, Erondice, roubou até os sapatos de trabalhar. Tudo, até aquele sonzinho sem chance que ela tinha, que comprou no usadão. Depois o vagabundo levou ela pro quarto e fez o que quis. Mas não sei não, do jeito como ela conta essa história, ele deve ter deixado pelo menos o número do celular. Né não? Você também não presta, ein Erô?

Ô, Fernanda, você viu o que fizeram com a Marília? Entraram na casa dela e roubaram tudo, até os vasos de xaxim. Estupraram ela e tudo. Quer dizer, diz ela que foi estupro. Eu não sei não. Depois de tanto tempo separada, sem namorado, acho que ela bem que deixou, nem marca tem no corpo. Ah, os óculos escuros? Ela já estava com conjuntivite.

Gislaine, a Marília pediu pra te dizer que não vai poder fazer seu bolo pra sexta. Aniversário da sua menina, eu sei, oito anos já, como o tempo passou depressa. Você nem me convidou, né, bruaca? Toda metida só porque casou de novo. Pode deixar que ele não é meu tipo não. Marília? Gripada nada, menina, você não soube o que fizeram com ela? Ladrão levou tudo que ela tinha dentro de casa e ainda violentou a coitada. Depois você vai lá, faz uma visitinha, você é fresca, mas ela gosta tanto de você...

Essa história está é mal contada, você não acha, Cigana? Passei na casa da Marília pra ajudar com a limpeza e a televisão está lá, aquela nova que ela nem acabou de pagar. Que ladrão que deixa pra trás uma tevê daquela? Sei não, acho que o ex dela voltou, eles brigaram e ele levou o que deu, e se aproveitou dela pra se vingar.

Eles viviam brigando, você lembra? Ô Cigana, você bem que podia me emprestar aquele vestido seu estampado, tenho um churrasco pra ir no sábado, mas não posso comprar roupa agora. Nem precisa dizer, né, que cuidado é o que eu mais tenho. Já a porca da Gerusa, Gerusa do Tadeu, aquilo bebe, passa mal e quem paga é a roupa.

Ô molecada, vai jogar bola lá pra frente, vai, que a moça dessa casa aqui não está passando bem. Eu só vim aqui ajudar ela com a faxina, a cozinha. Olha o respeito, Vinny, queria ver se fosse com alguém da sua família. Sua tia já passou por isso, pergunta se ela acha graça. Seu irmão está em casa, Vinny? Ah, é, sozinho? Diz pra ele que logo mais eu passo lá, viu? Toma, compra aquela pipa azul que você queria.

Mas você é sonsa mesmo, ein, Priscila? Perguntar pra Marília se o ex voltou, você acha que ela ia te dizer, ô songamonga? E é melhor você mixar esse papo que o negócio já deu até BO. Polícia foi lá conferir e parece que o assalto foi à vera mesmo. Ah, tevê, mão de ladrão também não cabe tudo, né? Foi um homem só, diz a polícia. Estava de carro, senão como ia levar computador, monitor e ainda estuprar ela? Já pensou, que homão? Para de safadeza, Pri, eu ein, está no cio, diabo? Zizinho não dá conta não, que marido é esse? Se bem que eu vi o corpo dela, não tem um arranhão sequer...

Foi bem assim, dona sargenta. A Marília não está bem desde o dia do azar. Ela passou em frente à casa da Veridiana bem na hora que eu falava com ela, a Veri, sobre o acontecido. Não sei o que a Marília viu em mim ali na hora que achou que eu estava rindo dela, falando dela. E começou a me bater, a me nhar, me puxar o cabelo, me ameaçar, rasgou meu vestido, aliás, meu não, da Cigana,

que vai acabar de me matar quando eu voltar pra casa. Foi aí que passou a viatura e trouxe a gente pra cá. Mas isso tudo vem de fofoca de vizinho à toa. Odeio aquela gentinha falsa.



## Lupécio e Nídio

Para Lupécio, qualquer piada se renova em seu auge toda vez que é contada, abastecendo-se do potencial de riso do início da primeira execução, que se descarrega ruidosamente, para retornar logo em seguida, quando o verbo do próprio Lupécio ou de outro percorrer a mesma trilha lúdica.

Para Nídio, a piada é risível uma única vez, e tentar lhe extrair outra sessão de gargalhadas resulta em tédio e incômodo, pois que o riso, para ele, reside na piada descortinada ao conhecimento, e a mesma situação descrita, ainda que de outra maneira, é a mera e óbvia constatação de que outro a anuncia.

Com isso, Nídio se entedia com a presença de Lupécio, que lhe parece um tanto idiota. Lupécio, por sua vez, vê em Nídio um sujeito sensaborão, mal-humorado, taciturno.

Como se não bastasse, Nídio pressente o *déjà-vu* em situações parecidas, extremamente inoculado de resistência contra o mesmo, e torce o nariz para tudo que não seja rigorosamente inusitado, ficando Lupécio com a sensação de que o incomoda, mal abre a boca.

Separam-se irremediavelmente os dois ex-amigos, convictos de que a presença do outro lhe fará um dano irremediável. Pela longa convivência antes da ruptura, fica em cada um deles a desconfortável reminiscência do outro. E essa marca indelével impressa pela personalidade do que lhe é oposto em um detalhe periférico da apreciação do humor traz a cada um deles a memória do antigo companheiro e seus tiques. Nesse ponto Lupécio leva a vantagem de se relacionar bem com a repetição, pelo que deglute a imagem

de Nídio carrancudo com certo prazer, embora turvado pelo aborrecimento que sabia que este experimentava em sua presença. Nídio, por outro lado, tem que compensar essa insistente evocação com novas aquisições para sua mente ávida de novidade e sempre sedenta de aeração intelectual. Daí que repercute no seu pensar Lupécio em seus aspectos fortes e mesmo inauditos. É mais salutar pensar nele como se lhe projetasse a vida, idealizando a marcha soberana de um homem sobre seus antigos hábitos.

Passam-se os anos e a distância se renova. Ambos prosseguiram no cumprimento das etapas da vida, tornaram-se maduros, velhos, ainda mais velhos e por fim, decadentes. E no que decai entre os humanos está a memória, atacada de buracos em que impera, cada vez mais arrogante, o esquecimento. Agora Nídio já perdeu boa parte do que amealhou com tanto prazer em suas experiências vivas, renovadoras da alegria de descobrir e de pensar, buscadas com tanto ímpeto por um espírito dependente da novidade. Lupécio encurtou ainda mais o ciclo de suas repetições e vive feliz rememorando um número cada vez menor de piadas, as quais faz habitar de personagens progressivamente mais raros, e chega mesmo a errar o nome de um, a repetir a situação em outro chiste, numa diluição do que já era alegremente limitado.

Encontram-se numa praça, mal apoiados em bengalas e queixumes, e quase não se reconhecem, dada a erosão de cabelos e dentes, e a eclosão de rugas e manchas da pele desdenhada pelos anos. Chegam aos lábios as saudações e os abraços, e foge mesmo da cena o motivo que os levava a se separarem por tanto tempo, até que Lupécio se dispõe a contar uma piada, já a essa altura a única

de que se lembra. Dizer que se lembra é uma concessão que se faz ao ancião, pois na verdade ele enxerta pedaços de uma história na outra, desloca personagens de um episódio e os enfia sem escrúpulos no relato onde não cabe. Quando chega ao fim da piada só ele ri, pois Nídio não acha graça, não mais por ser repetida, mas por ser absolutamente inaudita em seu quê de colcha de retalhos. E por achar a história interessante, inovadora, lúdica, embora longe de provocar risadas, Nídio se reveste de certa admiração por aquele homem que sabe expulsar o tédio das conversas. E Lupécio admira o interlocutor por se abrir para a comunicação que outros antes dele desprezaram, lamentando a falta de sentido.

E vai a penumbra do pensamento unir os homens mais uma vez.





## Aurora

Entre a cruz e a espada? Bem, eu diria que às vezes é preciso escolher entre o livro e a criança. No trem que une um bocado grosso de vidas há um defeito mecânico que se apresenta ao passageiro na forma de cabeças que tombam. Eu, que lia *Passageiros*, de Heitor Riso, tomei ciência do acidente com algum atraso semi-instantâneo. O bebê desencontrou-se da mãe morta e caiu no assento ao meu lado, queda amortecida por muita manta. Quando o incêndio começou foi que o dilema se impôs, e eu tive que escolher entre o volume choroso envolto na manta e o epílogo da obra-prima do autor itinerante no mundo. Sem bem saber por quê, agarrei a criança, eu de um braço só, e imolei as páginas no fogo que deglutiou o vagão em pouco tempo.

A menina cresceu, chama-se Aurora Alea, ou pelo menos é como se lê no cartaz do filme: *Passageiros* é a sua adaptação para o cinema de um livro que eu nunca terminei de ler.



## A nuvem

Noticiário da manhã: As autoridades ainda não se pronunciaram sobre a misteriosa nuvem vermelha que estacionou sobre a cidade no último fim de semana. A Defesa Civil recomenda que todos permaneçam nas atividades normais e evitem o choro, o ranger de dentes e as especulações daninhas. Uma aeronave do Instituto de Medições Aeroespaciais, escoltada por caças da Força Aérea, faz neste momento várias medições e estudos na nuvem, que começou, nos últimos instantes, a perder altitude e densidade e a emitir ondas de calor.

Vídeo clandestino: sou o Dr. Petardo Âmbar, antigo chefe do grupo interministerial que investiga a nuvem vermelha. Fui expulso da equipe e estou sendo perseguido por me recusar a esconder uma informação que pode salvar muitas vidas, talvez a população inteira da cidade de Aparição. A nuvem é feita de colerônio enriquecido, produto de uma pesquisa secreta da Natimortus Psicoambiental sobre os sismos particulares. Uma explosão em um dos laboratórios flutuantes da empresa expeliu a nuvem e o vento a trouxe para a costa. Extremamente perigoso, o colerônio potencializa e instrumentaliza o ódio e o ressentimento, tornando esses componentes autossuficientes para a eliminação do desafeto fitado. Em outras palavras, o programa da ira não precisa mais do *hardware* de uma arma ou do veneno eficaz para consumir o assassinato. Se o assassino em potencial simplesmente estabelecer contato visual com a vítima num ambiente contaminado pelo colerônio, fartamente disponível na nuvem vermelha, a morte é imediata. A nuvem não

se dissipará em menos de 24 horas. Repito: olhar o inimigo antigo ou recente com desejo de que morra produz instantaneamente a sua morte. Este alerta, infelizmente, está atrasado, população de Aparição. Sua única esperança é a evacuação imediata da cidade.

Noticiário em edição extraordinária, ao vivo, direto de Aparição: ...foi ali, acima daquele conjunto de prédios residenciais que, diante das câmeras de tevê e da multidão de curiosos, os caças da Força Aérea dispararam foguetes contra a aeronave do Instituto de Medições Aeroespaciais, derrubando-a sobre o populoso bairro de Agonia Celeste. Minutos antes do ocorrido, gravações de conversas entre as duas tripulações davam conta do mau funcionamento dos trajes de segurança em um diálogo hostil entre “doutores vendidos” e “milicos burros”, expressões usadas pelos respectivos líderes de equipe. O frágil controle do pânico se rompeu de vez. Todos fogem assustados, evitando os olhares dos demais, tendo em vista as declarações do Dr. Âmbar, em um vídeo divulgado na tevê encoberta, sobre a composição da nuvem. Há também quem se aproveite do momento para executar o desafeto mais próximo. O homicídio já é cometido em larga escala e com patente quebrada, confirmando as declarações do abnegado e renegado cientista. Chega mais perto aqui, Oliveira, vamos mostrar as pessoas correndo, lutando para se salvar do ódio geral e mútuo... que é isso, Oliveira, que cara é essa, você ficou maluco? Vai fazer o que com essa câmera, rapaz? Olha que eu chamo a polícia! Socorro! Socorro!

Adormecer era sempre tarde, mesmo sem diálogos. O jornal noturno era um depósito de risadas, mas o tédio era sempre maior. Queria muito uma guerra de mundos, mas havia somente ele e o

imenso mesmo. Só quando sentiu o tédio inoculado dar lugar a uma ira de manifesto, um calor de pensamentos rubros, ele desligou a tevê, sem bem saber como sobreviver ao melhor ou pior de si mesmo e dos outros. Logo ele, que duvidava até da sombra, obrigado a crer no absurdo logo de manhã. Era matéria de sonho, mas o sangue chegava a feder bem perto. Acrescido de juros de mora e multa por atraso, florescia o ódio de cada cidadão por quem, algum dia, lhe pisou o pé ou pediu emprestado e não pagou. E por quem não lhe parecia bom o bastante já no primeiro olhar. Do motoqueiro fechado pelo taxista, do feirante roubado pelo moleque, o rancor de cada cidadão ria de qualquer ferramenta e se tornava morte, era só olhar para o outro com desejo de matar, pronto, estava feito. Mas se era preciso atravessar esse dia de pesadelo, ele, que dormira no enfado e acordara no medo, estava lá e trataria de viver. Que fazer quando se está do lado errado da realidade, aquele em que a árvore corta o machado, em que o espelho mostra a cara do cão?

Não podia ficar em casa esperando a torrente de assassinos instantâneos recuperar o siso pós-nuvem, cedo ou tarde lhe invadiriam o domicílio, sabe-se lá, algum ofendido de outrora, algum ressentido mais dissimulado, ou a gangue de ocasião aproveitando a muvuca para saquear os vizinhos. Nunca há tempo para enlouquecer com segurança.

Melhor sair pelos fundos, improvisar um capuz para esconder o rosto e mitigar o ódio dos conhecidos. Mas também se odeia o encapuzado, que deve ser bandido, e com ou sem rosto é bom que morra já. Além do mais, a cabeça derreteria miseravelmente em suor, que também lhe lembrava martírio. Suor do crucificado,

sudário. Melhor deixar de lado um apelo assim. Sangrar o mínimo possível, isso ficava bem nos seus planos, se é que há planos quando se é irrisão.

Os pais guardariam o filho pródigo, se estivessem na cidade, ou talvez não, lembravam-se bem de quem vendera às escondidas o terreno da família para pagar o agiota. Seja como for, fosse como fosse, haviam viajado uma semana antes. Sorte deles. Mais chance se conseguisse se perder no centro da cidade, muito mais rostos, maior a diluição da memória e do rancor, mais difícil encontrar desafetos do passado, que o quisessem morto antes que a nuvem se dissipasse. Mas também muito mais fácil que um olhar transeunte, relâmpago de passagem, o condenasse sem demora. Poderiam implicar com sua cara de outro, de inexato, de fera. Será? Pensar rápido, e tentar não sucumbir ao desejo de matar alguém, limpar a memória, não perder a chance de fugir.

Perdoar nunca fora o seu forte, pouca gente sabia que ele matara um sujeito por vingança em Trabuco do Maia, antes de fugir para Aparição, um tal que lhe dera uns socos públicos, confiado no tamanho de lutador. Três tiros, um para cada dois golpes da mão grande. Mas os devedores de agora estavam fora de alcance, a maioria morava muito longe. Sorte geral de quem se mudara havia pouco tempo, sem tempo de fazer inimigos. Mas inimigo também se faz na rodoviária, na maternidade, recém-chegado ao mundo dos outros. Essas digressões não ajudam, coisa de mente que foge do perigo de agir, como se houvesse nelas algo insuspeitado que servisse de apoio na hora da morte, amém.

Mal deixou o apartamento, viu passar o síndico, praticava alu-

cinações com um pedaço de ferro, corria para um dos senhores condôminos, aquele do som alto de madrugada. Escondeu-se atrás do pilar, esperou que passasse o curioso cortejo, nem de longe pensou em socorrer o perseguido, ele mesmo votara contra a última taxa extra, nunca se sabe bem quanto dói a negação no ego. Atravessou a alameda no limite do condomínio, evitou a guarita, um dos guardas viera brincar com ele numa noite ruim, em que não estava sóbrio nem amistoso, mandara o vigilante a instâncias pouco dignas. Melhor pular a grade, de topo relativamente acessível, ele não era homem de se descuidar dos músculos. Já na rua, fora do conjunto de prédios, fez sinal para um táxi, que não parou, e só então ele se lembrou do seu semblante urgente, capaz de afugentar o motorista, que felizmente não tratou de atropelá-lo.

Junto com a raiva momentânea, veio-lhe uma ideia engraçada, a memória falou de um mosteiro não muito longe da cidade, onde, segundo a reportagem na tevê, os monges de uma ordem antiga como o medo viviam em meditação, alheios ao burburinho do mundo e às emoções negras ou rubras. O olhar que dedicou ao céu, até onde a vista alcançava, devolvia a nuvem vermelha imensa, e ele teve certeza de que não sairia do seu alcance antes de morrer ou matar sob o império do colerônio. Um tanto privado de melhor juízo, ocorreu-lhe que se havia um lugar isento de ódio, onde pudesse passar alguns dias até a dissipação da nuvem, seria o tal templo do isolamento. Para chegar lá, era preciso atravessar o centro de Aparição e seguir adiante, percorrer o diâmetro da perdição, pensou para si mesmo, antes de soltar um riso torto de alegria inválida. Urge roubar rodas e motor, colhê-los como a uma flor no caminho do bem, gracejou



nervoso enquanto buscava um carro, melhor uma moto, mais fácil de manobrar em meio ao monturo de lata abandonada que se tornam as ruas nos filmes de tragédia pública. Descobriu-a veloz e funcionando bem, por sorte o antigo proprietário havia morrido antes de alcançá-la. Era querer demais encontrar o capacete, talvez usado alhures para golpear um oponente próximo. Mas gostou do ronco que o equipamento produziu, um som promissor como havia sido o hino do seu time, num tempo distante em que se alegrou com o gol dos outros.

Foi saindo do bairro que esse herói esquerdo se avizinhou de virar pretérito: uma antiga namorada o queria matar com olhar abandonado, ciúme na bolsa, dentes que rilhavam contra a indiferença. Mas ao virar uma esquina o homem editou o olhar de urgência, transmutou-o em sorriso, dirigiu à antiga amante uma ternura tática, seduziu os olhos imersos para que o amassem uma vez mais, no laboratório sem paredes do incansável romance de mulher. Sem nem se dar conta, a moça reverteu a ira a tempo de salvá-lo, querendo-lhe bem como quem se esquece de respirar o vapor do fim do mundo. Quem sabe algo da sua herança fosse refratário ao mando do rancor, quem sabe se ela descobriu naquele instante o antídoto geral para a orgia de ódio da nuvem de colerônio. Se tal foi o caso, não pôde comunicar o achado, porque no instante mesmo em que o sobrevivente pouco digno festejava o talento para a farsa, quando ainda sorria para a mulher enleada, um ônibus a fez sumir sob rodas de massa negra, como quem castiga a autora incorrigível de tamanha ingenuidade. Talvez ela provocasse um ciúme vermelho no motorista, talvez um dos transportados em rota de fuga odiasse

o condutor pelas freadas bruscas, pois o ônibus engalfinhou-se com a parede maciça em frente, e muitas fúrias passageiras cederam lugar ao silêncio.

Poupado das muitas intenções de morte, o homem na moto possante olhou para o templo no monte a tão poucos quilômetros e a tantos instantes de medo, a nuvem o cobrira antes que ao restante da cidade, aquecendo cada parede com o bafo pesado da ira química. Ali morava o monge do desódio, de quem se dizia que era incapaz de nutrir sentimento ruim. Ver de longe o abrigo dos monges dava ao piloto um ânimo otimista e ao mesmo tempo certo arrepio na espinha, como se no último instante alguém fosse aparecer e o matar com fúria imprevista, ou que surgisse como por magia aquele ou aquela que lhe suscitaria a vontade irresistível de se vingar, pondo-o à mercê do ódio e fora de si. Ah, esse ar alarmante de um mundo malandro que sempre se equilibrou na moratória do fim...

Chegou ao centro da cidade sem se deter na carnificina disponível demais a todos os pares de olhos inevitavelmente detalhistas. E ele se acostumou pela vida afora a estudar os detalhes do mais disfêmico dos mundos possíveis. Era preciso se esquivar o tempo todo do mausoléu que se formava nas ruas: dos apartamentos e salas caíam tudo e todos. Das portas térreas e das avenidas turvas corriam corpos vestidos e nus, irados e fugitivos, e projetavam-se contra carros pequenos e grandes, entulhando de metal e carne as ruas já tão pouco transitáveis. Aqui e ali se ouviam tiros. Uma criança chorava nas escadas de um *shopping* em construção, primeira mercadoria da vitrine, num abandono sem remédio. Dois

homens acabavam de entrar por um bueiro, com outros seis no seu encalço. Uma senhora de meia idade pegava fogo em público, num involuntário número aplaudido por gente pacata de fósforo em punho. Logradouros eram substituídos por outros, na visão cambiante do motoqueiro fugitivo, e os ouvidos reciclavam os sons e a escuridão da cidade entupida de pavor ruidoso.

Escapuliu das ofensivas da urbe transformada e transtornada – como dizia o locutor da rádio, antes de sumir com voz e música – e logrou chegar aos limites da cidade. Olhou pelo retrovisor o cenário avermelhado do perímetro urbano, antes da última curva da pista, diante dele os últimos metros para a construção sagrada, e acelerou ainda mais a máquina, na direção do refúgio monte acima. Quis olhar pelo mesmo espelho o próprio rosto, só para ver o que restara da expressão de coragem depois da feia experiência da morte urbana e farta, mas na velocidade em que estava nenhuma mudança era segura.

O imenso portão de madeira do mosteiro o ameaçava com as feições inexpugnáveis de fortaleza, e algo dentro dele se revoltou contra tal fechamento, como era possível que monges voltados à contemplação do bem maior retivessem os danados fora do seu domínio? Na angústia de adentrar a proteção murada, esmurrou a porta antiga, antes de encontrar a ancestral aldraba e com ela sinalizar a presença aflita. Era tomado de uma intuição cada vez maior e mais agressiva da prioridade da própria vida.

Aberta a porta, finalmente, um sorriso jovem o recebeu como quem saúda um vencedor no pódio, e com a mesma alegria pres-timosa o moço destruiu com uma pedra os dois retrovisores da

moto. Então o olhar visitante matou esse jovem noviço que lhe dera passagem, ensandecido pela atitude imbecil do outro. Se tinham seus pudores do passado, do retrotempo, do retroespaço, esse era um problema desses monges alienados, e não dele. No caminho até a cela do grande homem isento de ira, o prior do mosteiro, executou raivoso cada um dos religiosos que lhe cruzavam o caminho. Eles vinham cumprimentá-lo pela vitoriosa chegada, ora, onde já se viu, quem eles pensam que enganam? Ali, cinicamente sossegados naquele refúgio enquanto a matança lá embaixo não tinha limite. Bandidos, pilantras, bando imundo de hipócritas. Era fácil para eles não odiar ninguém, sorrir para quem chega, tão intimamente treinados para acreditar que o mundo válido era aquele dentro das muralhas. Tentou se controlar com o pensamento de que o grande líder, amante da humanidade, não nutriria pelo assassino que ele era o mesmo magma destruidor, que o colerônio despertava agora aos borbotões, mas talvez a nuvem fosse mais densa naquela altitude. Na companhia da exemplar alma superior viveria seguro até que a substância maldita se dissipasse. Certamente por não ter ainda visto os corpos dos monges estendidos no pátio, o homem santo abriu-lhe a porta da cela com sorriso e fleuma inspiradores. Mas é claro, grasnou o verbo do intruso, que tamanha tranquilidade de face escondia o orgulho de se achar melhor que os outros, ninguém vem morar neste fim de mundo a troco de nada. A nuvem desses monges era muito mais antiga. Foi duro o olhar que o sobrevivente derramou no semblante de manto sereno, e este morreu antes das boas-vindas, poupando saliva e voz.

Restava ao recém-chegado dispor do mosteiro, de comida e

abrigo abundantes, agora que era o único vivente ali. A espiral de ira alimentada pela nuvem adensava o ar e fazia ondular tudo em volta. O isolamento, em que mergulhavam numa calma circunspecta os antigos moradores, dava-lhe olhos inquietos, instigados a buscar um algo indecifrável, que não sabia o que era, mas que não lhe fora possível encontrar na cidade, em meio à fuga veloz. Seus olhos inebriados na matéria da nuvem deram com a superfície límpida do tanque onde se banhavam os monges, em algum ritual de águas mansas, e o rosto conhecido lhe aflorou subitamente na água, nem editado, nem relativo. Inapelavelmente imperdoável em seu quê de suspeito e humano, matador de fortes e fracos, de armados e indefesos, merecedor da mais antiga antipatia. Ainda tentou evitar a aversão pela figura abjeta, pois sabia bem aonde ia dar, mas quanto mais desesperadamente afastava o rosto da visão odiosa do antigo semblante, com mais fúria voltava a olhá-lo. E quando tudo escurecia em volta, e o mosteiro se dissipava antes da nuvem rubra, miragem construída por uma biografia de brinquedo, o nome do estranho era um espelho que o matava entre risos.

## O preço da passagem

Ninguém ali esteve em Provisão. Vez por outra alguém pergunta à cobradora, ao motorista ou a outro prisioneiro do itinerário se sabe onde fica, e recebe um riso familiar desconcertado, ou a negativa incansável que já é um riso sem motor.

Quando o ônibus passar em frente à Imobiliária Instinto, Pafúncio Ventana guardará na memória o telefone do estabelecimento. Quando for dormir já o terá esquecido, mas até chegar em casa, se alguém por perto falar em imóveis, Pafúncio entrará na conversa e informará o número prontamente.

Mirante Rúcula percebeu que Rosália, de seis anos, sentada no colo da mãe, bem diante dele, ambiciona o seu lugar, no assento ao lado da janela e livre do colo alheio. Por isso Mirante não perde nenhuma chance de fingir que descerá no próximo ponto, e assim atizar e amortecer alternadamente a alegria luminosa nos olhos da menina.

O reflexo do rosto de Lina, no vidro da janela ao lado de Meiro, é mais atraente, jovem e alegre do que o verdadeiro rosto da mulher, que o contempla com desejo e timidez, também em reflexo, esse lugar impalpável onde ele se assemelha a um homem impetuoso. Isso se dá em toda viagem de volta, já de noite. Assim, Meiro nunca tomará a iniciativa para conquistá-la e Lina não deixará a própria atração passar do simples olhar.

Oilo Begússia mergulha seus temores na marcha do veículo. O roteiro surrado da viagem afasta seus sentimentos da façanha inglória de voltar para casa. Apalpa quase obsessivamente os bolsos

em busca dos utensílios que lhe abrem um universo de fantasmas. Sempre teme tê-los esquecido em algum lugar de transição. Mas mesmo de posse de todas as chaves, não sabe bem o que fazer com o momento de abrir a porta.

O ônibus entra num terminal de onde extrairá alguns pares de olhos cansados, e é invadido por pernas apressadas e temerosas de perder seu lugar no mundo. Entram Magali e Vidal, discutindo a intromissão da mãe dela na criação dos filhos que talvez venham a ter, se forem morar em Provisão. Entra um som estapafúrdio e impune, que acompanha o cortejo dos despoderosos até a descida de Misael num ponto escuro, e o alívio não confessado se manifesta na cadência de uma nova respiração. Entra Sibério Mandão, enriquecido pela pobreza de uma idade mal assumida, olhando inutilmente em volta em busca de um lugar tributado, mas ninguém, além da mulher que o espera em casa, se comove com seu jeito infantil de mexer a boca. Entra Olegário Babaus, e olha pelo grande vidro traseiro um passado de espaços vencidos. É ele que vive dizendo, na medida do tédio dos ouvintes, que o melhor da vida já passou e é bom conseguir ver isso sem mágoa. Entra Raimunda do Feixe, com um grande e malcheiroso saco de latas de cerveja recolhidas na rua, e os outros, se pudessem, se afastariam para deixá-la passar. Sua cara de poucos amigos é manufatura do deboche, e seu hábito de falar sozinha nunca atraiu interlocutores. De madrugada vê pássaros no quarto, desenhando a primeira letra do nome de alguém que inspirou seu monólogo.

Para sair do terminal a máquina ruidosa quase atropela um ciclista e seu medicinal risco de cortar a cidade com rodas finas. Ele grita

alguma coisa em dialeto chulo para o motorista, que lhe agradece com um dedo obscuro. Quem souber como ele está dirigindo, por favor informe a alguém que o possa xingar. O contorno para a via expressa tem o traço sinuoso, o mesmo tracinho vulgar com que a cobradora descreve para o farmacêutico novato os sonhos sem preservativo que teve com ele.

Ninguém tira da cabeça de Natércio Medida que ele já foi delegado em Plenário da Luz. Em suas memórias deleitosas consta que prendeu por desacato, em pleno *show*, um cantor famoso, cuja música picante ele entoava, viagem afora, acima da maioria das vozes, até que se lembre de que também prendeu a mulher do prefeito por atentado ao pudor.

Parecia que o único jeito de convencer Fidalgo Hino a procurar o oftalmologista seria receber sua nota de cem reais como se fosse de dois. A cobradora sabe disso, mas faltou-lhe coragem, quando o filho pequeno de Hino perguntou ao pai se nesse dia ele poderia tomar sorvete. Ela mostrou-lhe o erro, mas ele prefere ver o cotidiano com a nitidez do pesadelo.

É a última parada para quem veio aqui registrar a caçada de uns e outros, a busca de um tempo de trânsito e de celeumas perdidas. Deço aqui, atrasado para a baldeação com as extensões e os contrários, com as demandas que se afastam e se somam. Uma voz ainda se ergue numa indagação sem freios, mas eu não vou para Provisão.





## Desafio

Olhei direto nos olhos vazados da tomada e disse: um dia você verá que posso viver sem você. Depois liguei nela a tevê, e o filme era um romance à prova de frases.



# Folheio

## I

Mais ou menos como um marcador de livros, Cíntia. Estou entre as páginas abertas das damas encerradas nas estantes de cada trecho do mundo, exposto às suas letras recônditas, mas esteja seu sexo aberto na mesa dos prazeres ou castamente acondicionado no dia útil, marco-as sem entendê-las, não as decifro e elas não me devoram, somos de uma cegueira mútua, e meu formato alongado em meio às suas folhas sempre marginais nada pode contra o inviolável segredo de tantas linhas encobertas.

## II

No marcador de livros também há verbo grafado, Amália. Mas raramente ele vem completar ou instigar o que dizem as páginas que ele marca. Fala seus signos mudos e desentende as linhas languidamente oferecidas, de modo que esse diálogo secreto se insinua em semiletras e se esquiva ao escrutínio do leitor. Este sai da leitura enriquecido pelo gozo das páginas fêmeas, cedentes de um encanto conquistado, trazido ao leito da descoberta. Carícias assinaladas sob os auspícios das muitas serifas, de onde pendem descrições rendadas, narrativas de cetim ágil, que se lhe rendem como oferenda de um saber promíscuo, tessitura aberta no afã do achamento-cópula, por onde medram ideias herdeiras, suposições embrionárias, ígneas tantas vezes. Esse mesmo leitor capta do marcador de livros talvez alguma máxima gratuita ali disposta pelo editor, talvez a sugestão

para os próximos conúbios literários, há muita orgia e dissolução na decifração do mundo, Olga, e essa dança fescenina prescinde do marcador, que só aponta uma estação, um porto de passagem em cada breve coito ou em vastas noites nupciais.

### III

Encontro-me cedo ou tarde com esse mal de todos os meus séculos, Ângela. Pergunto-me como sobreviver a ele quando não há festa nem vinho, quando alegria é para se inventar, no assombro escuro de dias sem paixão nem remédio. Um arcanjo pessimista conversa comigo umas palavras sem alma. Ele me encaminha hipnoticamente a um destino de friagens. Deitar-me faz em cinzentos nadas, diante da cratera do vulcão morto me deposita. E meu entendimento se dissipa, aprende um voo adentrado na chancela do desgosto, instaura desertos modestos na insalubre pequenez dos quintais de tanta areia e tendas abandonadas. Abro um livro ao vento, num verso aleatório, procurando o fiel dessa balança de pratos vazios e mesquinhos. Toda página que eu marcar será ventania e sombra.

### IV

No entanto a terra se move, Mirna. O ânimo se abate no inverno dos afetos, como flor seca marcando um capítulo triste, deixando manchas de natureza no papel. Mas não se deixa ficar no fundo, porque o fundo, assim como o topo, rejeita as permanências. Cedo ou tarde os sedimentos são expulsos para a luz que nos alcança.

Estou de volta às entrelinhas abertas da vontade, ao insopitável impulso de tecer versos metafóricos no corpo de prefácio adocicado da musa de ocasião, quem sabe você ou a moça da mesa adiante, próxima daquela estante de onde pendem dedicatórias pélvicas. Não se levante, Helena, não se avizinha tão perigosamente da janela, não atire longe os poemas passageiros. Que substância pode haver na letra de quem já não é?



## No cativoiro

No cativoiro estavam três homens amarrados à cadeira, de rostos travados na direção do vídeo em frente, e pálpebras imobilizadas por adesivos, que não é lícito fechar os olhos diante das cenas. Rotina que não cessava nem durante a alimentação dos prisioneiros. Quem dá o pão dá o castigo.

Os filmes mostravam fetos feitos em fatias pelo algoz enfastiado. O corte de córneas em alcovas sem cortina. Haja vista.

No intervalo entre as cenas, alto-falantes transmitiam a voz do capitão da guarda, pregando-lhes que o mundo era uma sala de tevê compulsória com vídeos de dilaceração da carne.

Nos fones de ouvido do carcereiro, impessoas antilúdicas explodiam crianças e velhos em volume miserável. Aproveitando a audição e dança do carcereiro, um dos prisioneiros conseguiu se soltar da cadeira e fugir. Para alguma coisa servira contorcer-se mais que os outros: afrouxara as correias.

Fora do cativoiro a luz do sol quase o cegou e ele sentiu muita dor de cabeça. Revirando os bolsos, achou um trocado, que usou para comprar analgésico. Na farmácia informaram que a próxima viatura só passaria no dia seguinte, depois da novela. Na delegacia disseram para voltar depois do campeonato a que todos assistiam. Telas. Na rua procurava sangue e vísceras e não encontrava. Pensou ter visto, ainda com os olhos enevoados, um homem arrancando as unhas dos pés de um menino, mas era o pai que fazia cócegas no pé do filho pequeno. O riso fez o fugitivo pensar que estava no melhor dos mundos possíveis. Com esse pensamento voltou ao



cativo e encontrou o guarda dormindo, depois de ter massacrado os tímpanos com o volume máximo e o horizonte perdido de algum laminador de almas. Era possível ouvir de longe a música, pois a bateria do aparelho sobrepujava a do guarda.

Entre um espasmo e outros dos colegas diante do vídeo, o fugitivo contava as impressões da vida lá fora. A existência de analgésicos, as cócegas do pai, o riso do menino. Os companheiros encontraram insuspeitado prazer em rir desse delírio do colega. Um precipício de mel que, por baixo do riso, queriam lúcido, ante a loucura induzida todos os dias. O fugitivo olhou a porta, o guarda exausto roncava como se fosse feito para isso. A troca de vigilantes estava para começar, ele seria morto por ceder à pressão do cansaço, das drogas e do audiotratamento. O fugitivo descartou a misericórdia de um tempo antigo, voltou-se para os colegas de infortúnio e tentou libertar ambos, mas só houve tempo para soltar um deles, que se arrastou em direção à saída, sem vê-la de fato, guiado pelo outro. Em seguida chegaram os outros guardas. Em vez de fuzilar pessoalmente o vigilante roncador, o capitão da guarda preferiu prendê-lo numa das cadeiras vazias. Contorcia-se mais que o espectador fugitivo, porque o programa lhe era inusitado. Correias mais apertadas, no entanto, para impedir a façanha de antes.

A rua tinha brilhos apetitosos, cheiros emersos, desconhecidos, efeitos no tato e na fala, todo o coquetel de sensações da liberdade que valia a pena encontrar, mesmo com a dor inaugural do primeiro olhar. O segundo fugitivo aspirava esse paraíso sem dispor ainda da certeza de que era verdade, talvez houvesse desmaiado diante da cena monótona e feia no cativo,

sonhando agora com toda aquela multiplicidade.

Quando se amainou um pouco a euforia da libertação, quando a vida ou o sonho fora das paredes e longe do vídeo obsessivo não perturbava tanto o batimento cardíaco, ambos mergulharam nos planos para libertar o último prisioneiro. Sabiam que a guarda havia sido reforçada. A dupla fuga tão inesperada certamente pusera a segurança, durante muito tempo relaxada, no grau máximo de alerta. Mesmo assim tinham que tentar.

Você distrai os guardas, eu entro e o solto. A fala era de ambos, disputaram no par ou ímpar quem enfrentaria primeiro os tiros. Coube ao segundo fugitivo a honra de se arriscar diante das armas. Ainda na hora de tentar o golpe suicida parecia-lhes impossível essa nova vida na atmosfera empoeirada da rua.

O que devia distrair os guardas atraiu-os para trás de uma parede preliminar, imitando a voz caricata do capitão que lhes ordenava virem ao seu encontro. Os dois guardas foram medrosos ao encontro do chamado, que sempre prenunciava más notícias. Um deles foi atingido pelo porrete, o outro atirou às cegas numa sombra que se movia depressa demais. Um filete de sangue fez poça no chão e o animou. Chegou perto e foi colhido pelo porrete certo do outro, e morreu em seguida. Um minuto de silêncio antes dos comerciais. Em verdade vos digo que muitos pensam que são.

O fugitivo libertador chegou ao cativo e ficou surpreso ao encontrar dois torturados em vez de um. Pior. Não conseguia identificar qual deles era seu antigo colega de sofrimento. Sabia não haver tempo de salvar os dois, e sem perceber libertou o antigo guarda. Bem a tempo de fugir antes da chegada de mais homens armados.

Os dois livres estavam divididos: o primeiro fugitivo queria libertar o colega. O ex-guarda, sem a mesma tradição, preferia fruir a liberdade sem riscos, e que se perdesse quem ficou pra trás. Na praça onde estavam, crianças pulavam, corriam, gritavam, numa algazarra feita de riso e suor. O espaço invadido pelos corpos sem disciplina. O ex-guarda queria se perder naquele baile sem uniformes nem máscaras. Mas cada vez mais seu pensamento se voltava para o cativo que o aguardava na cadeira dos horrores, diante do vídeo tormentoso. Resolveu acompanhar o outro, que o havia libertado.

Era sempre muito escura a prisão. A luz mais forte era a tela do vídeo, para onde ia o olhar sem chance de fuga. Os gemidos do outro dificultavam a trama dos invasores, mas não a sonolência dos guardas, hipnotizados pela invariável música desde a iniciação no cativeiro. Como numa vitória premeditada, escrita por uma mente dormente, os heróis entraram abruptamente e libertaram o último prisioneiro, todos abrindo os olhos na rua clara.

O capitão da guarda chegou, viu a cela vazia. Isso demora tanto a acontecer que todos esquecem, mas cedo ou tarde se repete, lamentou o líder, como se filosofasse. Sorteou três homens do corpo da guarda, ordenou que fossem atados às cadeiras, era preciso manter a cela funcionando.

Lá fora a liberdade chegava aos sentidos junto com a fome, o frio e a indiferença dos passantes. Analgésicos custam dinheiro. A fila para o corpo da guarda estava imensa, mas disseram que haveria seleção ainda no mesmo dia. Cada um dos três fugitivos imaginava como bater os concorrentes na disputa pelo emprego. Esperaram sua vez em silêncio.

## As patas do animal eterno

Confraternizavam-se todos no churrasco de fim de ano, que o ano precisa render graças, sob a chibata risonha do terreno cercado. A carne devoradora dos adultos de todas as gerações de vacas gordas. Na verdade não eram todos os que degustavam aos risos, e por isso os risos eram cacoetes bastardos de quem houvesse assaltado um curral em comum. Pois havia alguns corpos excêntricos nos casebres periféricos, expatriados da festa, expulsos de qualquer parentesco ou semelhança com os comensais. Uns cinzentos sem nome, arrimos de coisa nenhuma, nem de si, restos de zumbir sem voz.

Desencontrado, o menino se afastou da piscina, foi em direção ao gramado vasto. Como fazia sempre que via a amplidão, ele preferiu acompanhar a marcha do animal eterno. As grandes e inúmeras patas se perdiam acima das nuvens, e cada passo acrescentava léguas ao seu percurso. O menino não se importava de perseguir o grande e único espécime. Tinha vida e liberdade, conseguia sentir prazer na própria pequenez diante do bicho enorme.

Ele alcançou a fera-torre no fim do tempo fluido de passos sem conta, e trepou por suas patas até a esfera do invisível, acima das nuvens carregadas de um mistério cinzento e sem pistas. Claro que não pretendeu alcançar o topo da escalada, pois seu divertimento maior era não investigar o fim das coisas, mas derramar entre teses entediadas a descoberta da grandeza sem posse, do caudaloso antilatifúndio.

Dizer que alcançou a enormidade da besta inofensiva seria coisa de heróis mentirosos, protagonistas de roubos. Seria mais do

que o menino pretendia, e ele riria do monumento falso, se fosse o narrador desta fuga. Se o interminável pernalta o alcançasse primeiro, com os invisíveis limites com que atraía a ganância lúdica de outras variadas crianças, o feliz assombro e o infinito encanto seriam, de imediato, tão cheios de alegria quanto na experiência de ser ele próprio o sujeito confundível dessa sensação sem espaço cercado. É que sem voz, o animal lhe dizia que tudo era dele, e sem gestos, cada infante alpinista das compridas, intermináveis hastes caminhanças, manifestava a iguaria plena de pertencer ao terreno intransferível – porque nada nominal – de cada apêndice movediço, no pleno domínio da impropriedade particular.

O gigantesco, inaquilatável organismo, seguia sem dimensões a galgar, na andadura que, quanto mais lenta, mais longe levava, e quanto mais depressa, maior vertigem de riso impunha à multidão incontável de meninos e meninas recém-chegados dos esquecimentos, traídos pela adulta evasão ou invasão, fugitivos dos cárceres e das guerras, exauridos pela fome, desirrigados pela seca, desarraigados pela força. A invisível cabeça do bicho nunca morrente não pensava em levá-los ao já visto, assim como nenhuma criança queria enxergar o conhecido e lastimável fim das caminhanças de até então. Eram todos conduzidos, simplesmente, pela fera incomparável em tamanho, irresoluta em acaso, insuperável em distâncias, para mais longe do ponto de origem mentiroso de suas vidas desfeitas em tiras de carne morta, dependuradas no balcão do capital e da violência.

Mas o menino inaugural desta merenda de letras se lembrou da casa que os outros não tinham, da família que, se o esquecia, não era dele esquecida, e se passeava nas altitudes entre os flagelados

e moídos, era ainda, a súbito contragosto, filho de posses e de cercas, terras e limites. E olhou para trás com um sereno piscar de olhos, um ritmo de quem resgata algum milagre sequestrado, que muito lembrava os meneios das articulações da construção natural e sem fim que fazia passear os pequenos para além das sombras do assassinato e da miséria. Então o primeiro menino desceu da pata do animal eterno que lhe coubera nesse andar de alturas, voltou sobre os passos cheios da coragem dos brinquedos novos, os passos que o trouxeram desde o clube, ignorou a risada distante e enclausurada dos adultos bêbados, insinceros e fraudados na colheita do contentamento. Pararam de rir como se acionados por uma chave de paladar que lhes desviasse o sabor da picanha, quando o moleque abriu o portão sem cerimônia e convidou ao banquete os indesejados sem cor. Sem resistência, como se obedecessem não a um menino de sustento assegurado por mãos grandes, mas ao rumo indecifrável de um passeio extramilenar, os comensais despertos da saciedade suspeita receberam os estranhos entre a intimidada mudez e uma desconcertante curiosidade. Incapazes de resistência, dividiram, sem rilhar os dentes, carne, cerveja, vinho, cinco pães e dois peixes.



## Teroxyca

Quem cai no abismo de Teroxyca nunca vai para o fundo. Sempre há mãos de outros decadentes, estendidas a partir da rede de passarelas e viadutos tecida ao longo da enorme história do lugar, que puxam os novos decepcionados para as laterais da grande cava, onde lhes dão comida e meia taça diária de vinho para apaziguar o temor da queda. Nunca enchem essa taça, no entanto, e nem permitem que a abasteça além da metade daquele que caiu até ali.

Enquanto bebe, o recém-caído ouve histórias, muito parecidas com a sua, sobre como cair no abismo de Teroxyca. Uns eram ricos e empobreceram, outros perderam o alvo do desejo para alguém mais forte ou oportuno. Alguns sofreram perseguição por algo pouco prestigiado que teimaram em manter. Havia mesmo quem se culpava pela vida larga e se atirara no abismo para purgar a pouca dificuldade de existir. Não se ouvem ali, entretanto, histórias de quem não tenha se lançado, preferindo manter os passos acima da borda, e esse silêncio faz pensar na superfície como palco de possível nova tentativa. Enquanto os primeiros habitantes se conformavam laconicamente com o tédio do lugar, espécie de premiação debochada pelo destempero da imersão no abismo, os nascidos em Teroxyca estão sempre a pensar na correção do salto dos antepassados.

A maioria dos habitantes vive à espera de que a taça de vinho se encha ou de que as mãos dos vizinhos, prestimosas em evitar a colisão do corpo com o fundo da cratera, levem de volta ao topo. No entanto, a vigilância sobre a beberagem se exerce durante as



vinte e quatro horas de cada dia cinzento do lugar. E a engenharia que permitiu a construção dos viadutos, passarelas e túneis para os habitantes poderia muito bem propiciar os meios para que todos se elevassem e voltassem a viver à luz do sol, se não fosse o medo íntimo e dominante de, uma vez atingida a superfície, dispersarem-se, perdendo os laços ali cultivados, e de tal forma se sentirem sozinhos entre estrangeiros a ponto de para ali voltarem em busca dos antigos colegas de infortúnio. Quem desafia esse medo – e sempre há quem o desafie, em toda parte – precisa lutar também contra a sabotagem dos que ficam, temerosos da solidão ou invejosos do sucesso alheio. Já que tudo em Teroxyca está entre o fundo e o topo, os apanhados durante a fuga não estão sujeitos à pena de morte, mas somente ao mais do mesmo da vida insossa do lugar. E como uma rede de cordas e vaías aguarda o candidato frustrado, fracassar na escalada não é assim tão grave. Seja como for, do mesmo modo que aqui fora se aposta em loterias, também lá se investe nas poucas chances de sucesso.

Assim é que Nebatho, depois de medir a altura que o separava do limiar da cratera e o tempo mesquinho dos desvãos da vigi-  
lância, sorriu como se pudesse se mirar no céu noturno. Sempre confidenciou a Oérea tudo que com ele se passava – os ganhos sem façanha da sobrevivência no abismo, a caça ao morcego nos domingos, as mulheres pouco apetecíveis que, como Oérea, passavam por sua cama – mas jamais lhe revelou os planos de fuga. Quando escalou a parede de pedra na noite da escapada, sentiu que traía o panorama dos confidentes, mas tomara a decisão de abandonar a segurança da cratera em nome de algo que não sabia decifrar.

Depois de se espreguiçar para ter o que dizer durante o almoço, Oérea procurou Nebatho de manhã para convidá-lo ao Relento Diário, ocasião em que se colhe algo da distante atmosfera do mundo da superfície, uma folha caída, chuva fina ou mesmo alguma partícula do lixo lançado por um negligente lá de cima. Já não encontrou Nebatho, e avisou os anciãos que o companheiro fugira da cratera. Um dos velhos, nascido e criado em Teroxyca, ainda lhe ofereceu um trocadilho dispensável: teria ela feito uma busca crateriosa? Tal pergunta, além de lembrar a profundidade da mente dos anciãos, escolhidos pela idade e não pelo brilhantismo intelectual, acendeu a vontade de beber de um só golpe a meia taça diária de vinho a que tinha direito, mas Oérea preferiu manter a mente sóbria e obstinar-se a perseguir o fugitivo, com algo do amargor dos abandonados.

Os anciãos não lhe permitiram a saída de Teroxyca, pois pensaram que ela pretendia desertar, como Nebatho. Tão inofensiva a Oérea, pensaram, melhor que fique por aqui. Ela então deixou passar o tempo da desconfiança, como quem guarda um luto de rancor, e empreendeu a própria fuga com tração de cabos e subtração de verbo.

As pálpebras de Nebatho ainda se debatiam contra a luz da superfície – era meio às cegas que marchava para a primeira urbe cinza – quando a fúria desencantada de Oérea alcançou, de punhos ralados, a borda do imenso fosso de Teroxyca. Ela nem mesmo parou para descansar antes de prosseguir na direção da cidade mais próxima, de onde partem, em sentido contrário, todos os dias, secretos aspirantes ao abismo. Foi entre risos que acolheram as

perguntas de Oérea, já encobertas pela noite. Era mesmo um caso raro a evasão de Teroxyca, quando na cidade sem nome o salto na cratera fulgurava como opção muito comentada. E depois dos risos, as perguntas em vez de respostas: era mesmo possível sobreviver à queda? Verdade que lá embaixo havia uma cidade? Que se bebia vinho de graça? Por que alguém fugia de um lugar assim?

Do outro lado da cidade cinza, desencantada, nula, Nebatho encontrou uma janela por onde olhar a lua e desejar inutilmente uma mulher tão sedenta de cores e afagos quanto ele. Entretanto temia identificar-se como fugitivo do lugar lendário, o que o tornaria temporariamente atraente para as mulheres locais, mas também o exporia ao rapto – para que ele revelasse a localização do abismo cobiçado pelo imaginário de muitas voltas – ou ao assassinato pelos invejosos da fama transitória. Pensou em partir para outra cidade, mas o horizonte iluminado pela lua sussurrava mornamente uma enfastante uniformidade.

Quando já se dispunha a dormir, o vulto apressado na rua, só contrastando com os passos modorrentos dos cidadãos na velocidade do desalento, chamou-lhe a atenção, e ele reconheceu Oérea, impregnada de pressa e atenções a cada esquina, beco, porta, semblante. Fechou a janela discretamente, apagou a lâmpada, deitou-se na cama e se deixou tomar pelo desconforto dos fugitivos. Na escuridão, ouviu a voz inquiridora de Oérea no corredor da estalagem, e o caminho preciso assinalado na resposta de cada interlocutor solícito. Em seguida, as batidas na porta e o vozerio crescente dos curiosos em verem dois habitantes da cratera ovacionada nas conversas de todas as idades.

As batidas deram lugar a golpes de ombros determinados a derrubar a porta do quarto, como aríetes que se projetavam contra os portões frágeis de uma cidadela desde sempre acuada. Nebatho ergueu-se da cama, abriu a janela de par em par, equilibrou-se no peitoral e procurou um beiral débil, minúsculo, que lhe sustentasse os pés e oferecesse fuga até o prédio vizinho, mas a lua não era tão generosa que permitisse ver adiante dos medos. Perdeu o equilíbrio, caiu sem verdades nem ambições no caótico desenho da rua, no pressuposto enganoso da superfície livre, que continha um bueiro aberto e sem cálculo. E despencou no precipício invariável, embora o amparassem aquém do baque terminal, e lhe servissem meia taça de vinho, e uma voz descansada e neutra lhe dissesse que havia demorado, e o convidasse ao teatro do musgo desbotado, onde se contemplavam as minúsculas oscilações da vegetação rasteira.



## Epílogo incansável

*“O tempo é um mestre-de-cerimónias que sempre acaba por nos pôr no lugar que nos compete, vamos avançando, parando e recuando às ordens dele, o nosso erro é imaginar que podemos trocar-lhe as voltas.” (José Saramago)*

Nada me convencia a perecer, e sempre aquele sono sem remédio, junto com a premonição de que dormir era mais do que perder a vigília. O delírio venceu num dia em que o tumor me devorava, e intuí que, para matá-lo, era preciso matar o seu cavaleiro, o príncipe inexorável, desde sempre fustigando o pelo nu do infortúnio. Seus domínios se estendiam pela encosta de um abismo onipresente, mas fui encontrá-lo muito tempo depois de uma longa marcha cansada e sonolenta, pois o tumor mata devagar e com dor calculada. Assim, o príncipe se permite apear da montaria informe e passa a ensinar a marcha dos anos aos famintos reunidos em torno de uma árvore musical.

Todos chegavam ali com a ideia de aprender a lidar com o fim e a peste, mas como eu vinha com intentos assassinos, sentei-me no fundo da clareira para que não lessem meu olhar de cobras e lagartos. Ele, o príncipe, vestia uma túnica brilhante, em cuja trama surgiam e sumiam velhos ídolos das artes e das ciências, do fastio e do desassossego, e quando se virava em longas vênias a si mesmo, pois era essa a sua dança didática, podiam-se ver números se alternando em progressão, em quadros ora vertiginosos, ora lentos,

de avanço inelutável e carismático feito dique ao se romper.

Meus ancestrais não o evitaram, crianças emancipadas no entremeio dos anos, e eu tampouco conseguiria, mas adulto que sou, avançado em brincadeiras consequentes, alguma esperança tola ainda nutria de vencê-lo, e disso trata o delírio.

Daí que minha derrota não é boa nem má nova, apenas o enredo sem véu de todos os sinistrados pela vida que naufraga sem mapa e lastro, mas que nos deixa, à revelia de nosso desejo de ficar para sempre onde conhecemos. Apresentei minhas armas, a cirurgia que me subtraía rugas, o engenho da restituição dos hormônios, a carcaça perecível disfarçada de armadura.

Era uma espada a fibra rija que ergui contra o risonho soberano, mas submergir sua lâmina na carne da figura cínica só repercutia o fracasso das gargalhadas gerais acesas e o aumento da sensação de morte que me consumia em cada remoinho do tumor crescente. Sua Alteza se refazia de cada golpe e girava ainda mais rápido na túnica de séculos, e minha fraqueza e cansaço banhavam seus escritos de riso chulo.

Por fim, foi seu riso pedagógico que me ensinou a rir de mim mesmo. Foi ele quem me ensinou que ninguém vence a dança de enigmas, seu estilo de luta coreografado no gás e na intempérie. E que convalescer dessa doença de atrelar a própria via ao futuro inacessível é enfrentar o tumor como lanceiro, e não dele fugir com moratórias.

A partir da derrota para o príncipe imbatível, esse conselheiro impassível de esmeros e poeiras, de anos-luz e de milésimos, a partir da queda do cimo do delírio desonesto, somos eu e tu,

meu tumor impávido, minha finitude acelerada à exaustão. Eu me alimento de ti tanto quanto me drenas. Escrevo esta saga, esta peleja, e faço caricatura de teus poderes nos ângulos mais agudos e obtusos de que sou capaz. Num dia em que me devoras é que te decifro. Com meu sangue caro, que escorre entre teus dentes, é que traço teu retrato tosco de verme da história.





## O domador de leões

O primeiro a entrar foi Adolfo, o mais velho, esgueirando-se pela porta que abriu com o grampo subtraído aos pertences roídos da velha. Ferramenta roubada em outra noite rebelde, como nessa em que os três irmãos fugiam da infância triste, montados nos acordes da bandinha fraudulenta de falsa importância; no riso mascarado de riqueza do palhaço também pobre, vindo de uma terra onde se falava o gargalhês; no trapézio, com o herói das proezas aéreas, reinando sobre eles, que para cima sempre olharam, a fim de ver em cena o astro ou o vilão. O circo completava o terceiro mês na cidade, mas iria embora no próximo, disse o veterano Praxedes atrás do carrinho de pipoca.

Bem que viam jeito de viverem a estrada pelo resto da vida. Bem que sempre houve serviço garantido e ganho miúdo aos moleques que fugiam com o circo por diversão e aventura. Mas não, tinham quem precisasse deles, sentisse a falta, demarcasse um sol de ternura entre pancadas de autoridade. Era preciso voltar para casa.

Ao contrário das outras vezes, a avó louca vigiava de pé, o desassossego desperto, o ódio, curtido nos olhos, à fuga dos três enjeitados pela mãe na casa enorme. Ah, os impudicos, insubmissos, réprobos, ela dizia de dentro da memória erudita de gases venenosos, ainda não de todo destronada pela doença, e a boca ressuscitada dos rancos de gruta se mexia com a pompa mortuária de sempre, ameaçando com os nomes da cerimônia de punição. Os biscoitos baratos e a papa rala comprados pela aposentadoria miserável eram alimento pouco. Preferia devorar, sempre que

calhava, os serezinhos arrogantes e indiferentes ao fim da carne, parasitas incolores, crentes que o dia mau não os visitaria jamais.

O surto noturno da avó já transbabava no canto da boca. Abandonando o remédio no triunfo do esquecimento, havia encharcado o colchão com urina deletéria em grandes manchas malcheirosas no quarto desapossado de cama. O orgulho juvenil é um câncer, brandia a voz soerguida ao patamar da resistência, junto com a vara eloquente, clamando por uso. Além do medo, os moleques ansiavam pela privada, o suco de laranja de dona Érica era barato e bom, comprável com o furto dos meninos, bebido em gole farto, na barraca em frente ao circo, proibida pela velha doida, assim como tudo.

Isolados pelos temores que a ruga enlouquecida tinha do mundo e do fim, do passado e do futuro, do riacho e do mar, só iam à rua ao conseguirem o sono invencível e o dinheiro da tutora. Para o primeiro, tinham o remédio para enjojo, que misturavam à comida. Para o segundo, conheciam o truque tosco de tirar notas da metade do monte, sem que a vista turva percebesse o desfalque mensal miúdo. O mês é comprido, mas a recordação ri por trinta dias. O que teria dado errado agora? Vó Nice só fingira tomar o remédio ou deixaram o dinheiro espalhado demais? Não importava, queriam era se desfazer do xixi, tomar banho e se deitar na sala para sonhar com a noiva bonita do atirador de facas. O sofá em ruínas era do caçula, já haviam lançado a sorte, os outros se ajeitaram no chão.

Mas a noite não foi só de desaforo e gritaria. A velha os trancara no quarto dela, o castigo era uma hora ali, se revirando da tensão da urina, e ai de quem molhasse o chão, que a vara era de deixar

marca e lembrança, como o palhaço deixava riso e saudade.

Foi Adolfo quem mostrou o caminho. Sinalizou com olhar de líder para os irmãos mais novos, e que chovessem no molhado e escapassem à tortura de Vó Nice. Esguicharam unidos no colchão já pesado da urina da velha. Quando ela, chorosa e refeita do surto, libertou os querubins, eles já eram sobreviventes saciados, que correram e empurraram a porta rangente do banheiro só para encobrir o segredo. Depois comentaram a coragem do domador de leões.



## Moinho das vozes

*“Estarei cego? Terá a minha alma perdido o seu poder visual? Vi-a, mas é como se tivesse sido uma revelação celeste, pois a sua imagem de novo desapareceu completamente para mim, e é em vão que dispenso todas as energias da minha alma para evocar. Se alguma vez a voltasse a ver, reconhecê-la -ia imediatamente, ainda que fosse entre centenas de outras. Agora ela desapareceu e, com todo o seu desejo, a minha alma procura em vão alcançá-la.”*

*Kierkegaard, Diário de um sedutor*

O neon se acende a um gesto fácil, imediato como um sorriso falso. Diferentes matizes de memória química se estabelecem na rua em frente, como se suassem frenéticos no parque noturno e lúbrico. Há música, um som altíssimo exalado por todos os poros da assistência sem classe, e por isso não se consegue comentar a experiência da noite passada.

Emerso do dia de trabalho mudo no Moinho das Vozes, o homem banhado de silêncio não se lembra. Sua magra colheita do mundo não lhe permite expressão farta, e ele não teria o que dizer, caso se lembrasse. Capta a bonança e a estreiteza com o mesmo olhar sem alcance e sem notícias. A mulher era sempre a mesma, e os ais gemidos na alcova comercial musicaram, como de praxe, uma ruidosa e parva alegria, mas ele não captava, ao término, um só

suspiro, um brilho de olhar que a aconchegasse na lareira do peito.

Passara-se um dia inteiro desde os últimos benefícios na cama de costume. Certamente ele não era o único frequentador diário do bordel, mas só ele alheava-se do luxo da variedade. Não saberia dizer exatamente por que aquela mulher, e não outra. Talvez ela lhe moldasse algum eco mal ouvido de outro dia distante, quando uma tia ou prima o elogiasse em exagero, dentro de quatro segredos emparedados na cidade interiorana e tediosa, encontrando no parente retardado a virtude marginal que aliviasse a escassez de romance. Lendas que não se recuperam, para que se lembrar desse deleite sem dono? As tentativas de buscá-lo resvalavam no mesmo limo de uma imaginação que se interpunha, sem muro nem barreira. De parca memória e dotado de verbo nanico, restava-lhe imaginar indefinidamente, sem jamais se contentar com esse esquecimento incompreensível, como agora, que poderia ter qualquer uma das moças de Lucrecia, mas sempre escolhia a mulher sem nome, que o isentava de cerimônia e palavras, porque já prescrevia seu intento e fome.

No exato instante em que se separavam, ele buscava a disciplina de se manter comensal do corpo da mulher, angariando lembranças fugazes, que se cruzavam como raios no inútil intuito de perenidade, antes de se tornarem quadros enganadores de criação, frustração estável e falsa, refratária ao passado. Tentava repetir na tela da vigília solitária a exata tonalidade do gemido brusco, o toque das mãos averiguado com tanta aferição no momento irrepitível, mas de inviável alcance depois de esvaída a cena. Mesmo ao sonhar com a eleita, não era possível trazer suas feições e atitudes para a claridade do dia enérgico.

Ele rejeitava as outras, não por serem feias ou frias, as meninas de Lucrécia eram escolhidas pelo critério do calor e da vistoria aguçada. Mas era tão importante quanto impossível para o homem desprovido de gesto grandioso a revivência da galeria de prazeres, ele próprio nada memorável, registrado na passarela noturna da prostituta, e imediatamente escorrido para a margem da atenção, mal terminado o dueto na arena acolchoada. Uma pressão mais íntima das pernas, talvez, quem sabe a silhueta dos pequenos pés. Não, nada, só conseguia imaginar o ignoto, e não lembrar o vivido, e os instantâneos que lhe vinham eram o chapisco de um mosaico provido pelo repertório de corpos desnudados pela invenção em todas as ruas, pelas cenas dos filmes execrados pelo padre, pela vazia meditação sobre a maciez da matéria fêmea. Tudo rente ao olhar, menos a única mulher de verdade que lhe pertencia em diários versos de cópula.

Sempre o espicaçaram por essa incapacidade de retenção do passo dado, do percurso ido, rindo de sua medida rasa da história. Cobravam-lhe episódios vívidos na língua risonha ou contrita de cada interlocutor insaciado de fatos. Tartamudeando constrangimento, ele arrecadava a vergonha de não conseguir refazer a ocorrência. Era-lhe impossível guardar, como num cofre, a divertida ou angustiante selva dos capítulos enterrados. Às vezes, no início de suas trocas de nomes, quando ainda não o conheciam como débil, para agradar a um mais entusiasmado, fingia se lembrar da vivência, acrescentava falas bambas, sem direção, que em nada especificavam o objeto da memória. Alguns deles, apressados no falar e de pouca atenção à assistência, compartilhavam gratos a viagem ao passado, iludidos de que haviam encontrado um lem-



brador do velho assunto; a maioria, porém, descobria o embuste tosco ao longo do relato, na pouca profundidade e desaparelhada busca do seu olhar perdido de mau charlatão. É que além de passageiro involuntário na elisão do passado, além de falante de bruto recurso, e talvez mesmo por tais aleijões da mente, o homem de matizes baixos também era inepto na sutileza do fingimento.

Credita-se a alguma doença obscura a insaciável desmemória daquele desabrigado de luz, embora ninguém por ele se interesse, senão para lhe ordenhar a invariável expressão de mau êxito. Não lhe corrigem a rota errante, afinal seus acertos não teriam graça. É preciso que claudique na lama, que tateie espinhos e vidro em cacos, e nesse projeto compartilhado por respeitáveis cidadãos sempre lhe dedicaram a margem estreita e irrisória. E esse traço miserável do perseguidor de lembranças despertou a reação impune de outro agente do Moinho das Vozes, este, ao contrário, graúdo e bem pensante, capaz de se intrigar com a lenda diária do modesto subordinado a ponto de querer destruir esse mundo de ciclo tão curto e sem sentido.

E eis que, enquanto pequenos investidores da desdita do indivíduo mambembe celebravam cotas modestas do seu erro estampado, esse campeão do riso abastado invadiu a praça dos inossos para ceifar com poucas foiçadas a tola esperança do derrotado ridículo de meditar no dia mau a única alegria: todos viram que foi o herdeiro do Moinho das Vozes, incomum no antro barato, foi ele que gargalhou na madrugada, consumidor de novidades, e se embriagou na provisão de forças e impulsos, e desdisse a proibição imposta por Lucrecia de erguer a mão para as meninas,

e escolheu a concubina sem nome do repetidor sem lembrança, e sob pretexto fraco ou nenhum pretexto que encobrisse a vontade de empobrecer o já pobre e alimentar a feiura, feriu a mulher com a surra dos senhores, quando já os nomes chulos não bastavam, e saciar o baixo ventre era de pouca suficiência, espancando o rosto liso como se destratasse uma ferida debochada, escancarando as bordas numa vitrine de carne.

Quando invadiram o quarto, os últimos gritos femininos haviam desabado sem forças, caídos no mundo rente à cama, junto com os pequenos punhos incapazes de defender a vida. Já o homem tratava agora de invadir a noite pela janela aberta, fugindo das mãos ávidas, subitamente indóceis à sua fortuna.

Lucrécia sussurrou o nome da mercadoria perecida, discretamente dando baixa no estoque, lamentando a perda que o seguro não cobre, como quem ensaia o cochicho miúdo de alguma paródia obscena a um discurso solene, pois testemunhar o fim retalhado está na agenda encardida de toda cortesã rota, sem que se teça uma linha da biografia desfeita em tiras, assim como o rosto.

Ele esteve lá, o cliente esquerdo. Como poderia faltar ao espetáculo para ele construído? Como viraria as costas ao deboche sangrento? A assistência em volta da massa de carne devotou-lhe um espaço largo, como só se reserva ao indigente nos dias de ridícula investidura no divertido palco dos eleitos. Pois a face lamentosa e estupefata de cada vidente horrorizado no dia seguinte daria lugar ao riso de todas as esquinas, ao comentário regado a gargalhadas, desde sempre despejado sobre o cego de memória, desabastecido, naquele instante, da última fagulha do rosto insistentemente perse-

guido, ora triturado. Era de silêncio a boca, era baço o olhar que abria caminho num chão insondável, inquiria o horizonte mudo e desafiava um céu sem respostas, ignorando cada espectador calado ou falante, como se medisse todos pela moeda da mesquinhez. Por um enredo de trevas registrou em reverberação inútil a criação sombria de uma vingança impossível, impotente, depois se embrenhou numa rua secreta, afeiçoando-se à via sinuosa do desterro para colher da noite a imaginação do que nunca mais será.

## Memórias da inclusão

Babosa Beijo nasceu com o dom de conversar com os bichos. Franzino e calado, escapou de apanhar dos outros meninos na rua fazendo os cães vadios, humildes e escorraçados como ele, atacam os agressores. Mas era desconfortável, sobretudo na hora do almoço, vê-lo ensinando os ratos do quintal a guinchar em unísono. Sua mãe o escondia dos vizinhos, sempre havia quem o quisesse matar, ferido de morte pelo medo do diabo.

Praticou durante anos ingênuos o mágico talento diante da assistência incrédula, que lhe dedicava as moedas ralas das modestas extravagâncias do trabalhador surrado. Pão e circo, sim, mas se o primeiro é escasso pouco se paga pelo segundo. E mesmo o passante abonado pode render apenas a esmola miúda, não só por desacreditar do dom como também pela inveja que lhe inspira essa habilidade rara.

Daí que, de tanto Beijo falar com bichos, conseguiu se entender consigo e se descobrir animal político: em vez de exibir o prodígio no mercado mal pago, como feito de um só eleito, convenceria a humanidade de que todos podem falar com animais na língua por ele inventada e, mais importante para sua clientela, dar ordens aos bichos, dominando os irracionais, como divinamente mandado desde o início dos tempos. Afinal, que adianta ao homem nomear as criaturas da terra se não consegue lhes impor a vontade, por não se fazer entender pela raça inferior?

Assim, Babosa Beijo inaugurou seu inusitado curso, com módulos básico e avançado. Os donos menos exigentes podiam esperar, ao fim do treinamento, que os alunos apanhassem o chi-

nelo, que miassem baixo e afinadamente, que divertissem as visitas e sobrevivessem para guardar a próxima casa. Os proprietários mais ambiciosos, no entanto, poderiam sonhar com as carreiras milionárias de seus bichos, esperar justamente viver sem trabalhar, sustentados pelo artista, empresário, intelectual que adormece, desconhecido, em cada companheiro de patas.

E para fazer suas ideias alcançarem público vasto e distante, Beijo lançou um livro de sucesso espalhafatoso, *Converse com seu melhor amigo*, e deu entrevistas em todos os canais insaciáveis. Dava gosto ver tanto espectador praticando a lição nas esquinas, com os bichos de casa, da rua, até com as lesmas no quintal.

Um dos leitores de Beijo era Mercino Pífió, da Estrada do Mercenário. Tinha uma besta mansa, de expressão tímida, a plácida Pterola, que ele empreendeu transformar em oradora, para não mais ser ludibriado nas transações com o banco da cidade. Entretanto, por mais que se esforçasse em transmitir a Pterola o saber da linguagem, Pífió desembestava por uma confusão de signos que recebia da companheira quadrúpede o mesmo olhar de incompreensão. Passava horas sob a frondosa castanheira, ensinando a companheira dócil a soletrar o alfabeto de Beijo, com o mesmo fracasso de sempre, quando subitamente, como quem desfruta um soco na face exposta, desferido capítulo por capítulo pelo autor daquele livro espúrio, escancarou a revolta contra o charlatão precipitado na fama. Descobrira tardiamente que fora feito de tolo, mas a verdade sobre o golpe viria à tona, e justiça seria feita.

Foi a produção do programa Jenipapo ao Ar Livre que promoveu o grande encontro entre Mercino Pífió e Pterola com o mestre

Babosa Beijo. Era a ocasião esperada pelos leitores de confrontar os ensinamentos do professor com a decepção indignada do discípulo.

Babosa entabulou um diálogo impressionantemente profícuo com Pterola, e se revelaram politicamente afins, e dispostos a unir esforços na tomada de posições importantes. A filosofia da cavalgada conquistou a assistência, pela tradução de Beijo. Mercino queria contestar a farsa e o delírio compartilhados por todos – apresentador, entrevistados, assistência – mas estava destituído de palavras que coubessem no vocabulário de estrelas daquela grandeza.

Por fim, Pífio silenciou. Cabisbaixo, sem argumentos, soterrado pelo encantamento verbal de Pterola e Beijo, incapaz de competir com desempenho tão brilhante, levantou-se da cadeira, ensaiou alguns passos derrotados na direção da saída, cobertos pelos comentários abrasivos da plateia, que afinal o tal Mercino é que não soube usar o método consagrado, talvez nem saiba falar, o idiota, merecedor do lado de fora de todas as ocasiões de prestígio. Fora com esse imbecil, já gritavam todos, e também Pífio, intimamente, fazendo coro com o público, desejando despejar-se dali o quanto antes, envergonhado e morto.

Mas Babosa Beijo tornou a vestir a palavra, conclamou o público à misericórdia, pediu clemência para o desterrado das sílabas douradas, pois sua experiência e conhecimento de doutor dos novos diálogos, além do toque feminino da intuição iluminada de Pterola, fariam do pobre Mercino criatura capaz de convívio com gente e bichos bem falantes. Assim, Beijo e Pterola estão desenvolvendo juntos o método *Aprenda com seu melhor amigo*, para ensinar Mercino Pífio a falar direito e não desonrar os que lhe são caros.



## Fora de cena

Lamentamos muito a iniciativa dos meios de comunicação de explorar a deformidade de Rodolfo, o rapaz vitimado por um acidente que deixou desfigurado o seu rosto. Um chamariz para donos de circos de horrores. Também lamentamos que uma das revistas, tendo Rodolfo na capa, chegasse às mãos de Balbino, que simplesmente a jogou fora, enojado com aquele espetáculo triste. E queremos desde já esclarecer que, para fugir aos grandes espasmos da mídia, de que sempre se afastou, enojado, Balbino ligou a tevê, mas só conseguiu ver em cores e movimentos a face deformada e triste de Rodolfo. E após desligar a tevê, Balbino saiu para uma volta pela rua, que ostentava nas paredes e muros os cartazes da campanha pró-Rodolfo tentando arrecadar fundos para o sustento do rapaz que, desde o acidente, jamais conseguira um emprego.

E testemunhamos que, para tentar sair de tal redemoinho, Balbino procurava pessoas nas ruas, nos táxis, nos ônibus, nos restaurantes, para falar de algo elevado ou ameno, mas as palavras do interlocutor cedo ou tarde colhiam no ar algum sintoma de Rodolfo e o enfiavam na conversa.

Assim é que Balbino percebeu sua missão e resolveu ceder à corrente que o tragava. Ele está agora no ápice da vida, exercitando pura misericórdia. Ele tem estricnina na seringa, e perfura com agulha santa a veia de Rodolfo, que olha para ele como para um anjo. Balbino derrama sobre Rodolfo seu recém-adquirido olhar indulgente e contempla o hálito cessante do desfigurado. Ele agradece aos céus e declara aos microfones e câmeras sua missão de profeta.

A todos uma boa noite.





## Soberania

De toda flor que nasce em Falárdia, uma pétala é enviada ao soberano. O palácio é uma profusão de amenidades táteis amputadas, que já entediou não só o rei como toda a casa real. Nem mesmo os criados se voltam para olhar o tesouro de cores correntes, repetidamente renovado e esmaecido.

Ao rés do chão, os súditos se presenteiam com flores feridas pela exceção, mas a pétala que falta é sempre motivo de alguma piada ou passatempo sobre o imposto real que, sem poupar natureza e poesia, fecunda a terra com o riso. São inúmeras as histórias sobre o destino das pétalas acumuladas no palácio.

Todo rei que decide acabar com o tributo tradicional e descabido é deposto, sua cabeça enriquece a câmara das partículas órfãs, que perecem em companhia do semblante quase soberano.

Atenta bem, tu que desejas o poder em Falárdia, para não proibir a primavera, não exiges sentido às flores imperfeitas, não vasculhares o celeiro até a colheita de crânios. Nas gargalhadas súditas cheias do perfume da casa real subsiste uma pétala sem graça.



## A migração

Vérsico depunha, abrigado pelo biombo de folhas, seus últimos gametas temporões. Seu filho Irkno chorava lágrimas azuis porque não teria mais irmãos.

Ruminar de brinquedos antigos na brincadeira solitária. E depois aspirar o flato sonolento da manhã de Zerilla. Menos naves passando lúdicas sobre a povoação, agora que a migração estava terminando.

Por que não podemos fincar raízes aqui, Vérsico? – todos os nascidos chamavam os pais pelo nome, mesmo os nascidos da seiva prima visceral.

Você já tem idade bastante para não fingir que desconhece a etiqueta, Irkno. “Os firmes não têm substância...”

“...porque a essência se constrói em trânsito”. Você acredita mesmo nisso?

Por que não? Jamais houve um estático que resistisse ao passar do tempo e da caravana.

Isso porque a caravana o abandonou, feito filho indesejado da civilização covarde. Cultivada a remanescência, haveria substância ficante.

O passado ostenta essa fraqueza, Irkno. Deu certo por alguns anos. Muitos, até. Parecia definitivo. Sempre parece, aos indivíduos e às massas. Mas veio o tempo em que ninguém mais se encontrava, mesmo estando no mesmo lugar. Daí, a fuga assumida. A grande autoexpulsão. Debelar a fogueira das lembranças. Relocar, repensar, reviver. Para tudo ser diferente do pouso antigo, mesmo que seja igual às ancestrais dúvidas.

Eu vou ficar, Vêrsico. Já tenho idade para decidir.

Você não pode. É minha seiva prima. Serei desmerecido na tenda do além-aquí. E já não posso mais gerar impávidos. Semente temporã.

Fique também. Encontrarei uma ficante. Semearei, seremos prole rica, aquém dos enxames de covardes. O que fica nos sustenta, no provisório, e as raízes desta terra nos bastarão.

Deixe de bobagens, Irkno. Que seremos agora, náufragos? Não há memória dos que ficaram. Só o esquecimento. Ninguém nem sabe se sobreviveram.

É salvaguarda de nossa civilização o esquecimento proposital dos arraigados. Não os queremos ver nem em sonhos. Eles fazem o que tememos. Encaram as feras, nomeiam os seres, domam os espaços. Sua reverberação permanece. Guardam nossos registros para os que vêm depois e de outras partes.

Isso mesmo. Contribuem para nossa extinção. Não se lembra da Guerra do Cajado? Nômades rivais, os Ferdigais, encontraram uma aldeia ficante, deram com o cajado-totem, leram os traços da caravana, as despedidas ilegais, de um clã merecidamente esquecido. Esquadrões ferdigais acharam a frota. Negrume da guerra. Muitas linhagens não tremulam mais bandeiras.

Merecidos os gritos. Morreram de fugir, não de lutar. Morreram de ceder ao medo que os domina. Vou ficar, Vêrsico. Se preferir, afugento o seu nome do meu traço, sem ressentimento. Minha raiz cava longe da sua tradição de mudar.

Está bem, Irkno – Suspiro longo, imersão na história do futuro – talvez eu consiga alegar a perda insalubre do descendente, em meio ao deserto da memória. Peste, guerra, revolução de escombros...

Isso é com você. Na fuga ensaiada sempre se perde o motivo. Que importam as versões? Meus gametas florescem, muitos filhos para consolar a mesquinhez de irmãos. Aqui nos separamos. Que as rotas lhe sejam sinuosas.

Feixe de evasão, aqui Vérsico de Quara, renunciando ao contrato da armada. Permaneço. Envio holograma de segurança com apagamento de trilha. Não se trata de depressão de desvio nem da febre do solo fixo. Meu filho não migra.

*Ciente do abandono estratégico da cobertura marcial, Vérsico?*

Ciente. Assinatura seguindo nas três línguas plenas da Armada Escolhida.

*Contrato desfigurado. Boa conta e risco!*

Fortuna e bênção, Feixe!

Estou orgulhoso de você, Vérsico. Meu poderio crescerá no segredo estatístico, não o deixarei quando decrépito.

Vamos buscar uma gruta fortificada, estão desmontando a vila. E não me venha com a filosofia de pedra. Ainda sou flutuante.

Você é a coragem.

Afastamento monitorado das naves retardatárias, turbinas de além-hoje no adeus da frota. A bordo de cada mente ida já não faz sentido imaginar que houve Vérsico e Irkno.









Herbert Farias nasceu em Vitória, em 1966. É mestre em Letras pela Ufes. O sismo particular e seu terceiro livro de contos, e sucede a *Itinerário de uma ausência* (2009) e *Mecanismos precários* (2010), também publicados pela Secult-ES. Dentre outros trabalhos, o autor criou roteiros de HQ, atua no cinema e compõe canções ainda inéditas que dialogam com o samba.

Parceria



Realização



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
Secretaria da Cultura